

**Carlos Amadeu Botelho Byington**

**O ARQUÉTIPO DA VIDA E DA MORTE**

**Um Estudo da Psicologia Simbólica**

**São Paulo  
2002**

## SOBRE O AUTOR

Carlos Amadeu Botelho Byington é Médico Psiquiatra e Analista. Graduou-se pelo Instituto C. G. Jung, em Zurique. É Membro Fundador e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, onde participa ativamente nos cursos de Formação de Analistas. Exerce sua prática clínica em São Paulo, onde reside.

Criador da Psicologia Simbólica, Carlos Byington, além de proferir inúmeras palestras e seminários no Brasil e no Exterior, é autor de vários artigos e livros, dentre eles “A Riqueza Simbólica do Futebol”, “Desenvolvimento da Personalidade – Símbolos e Arquétipos”, “Estruturas da Personalidade – Persona e Sombra”, “Dimensões Simbólicas da Personalidade”, “A Construção Amorosa do Saber – O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana”, “Inveja Criativa – O resgate de uma força transformadora da civilização”, “A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito - As Sete Etapas Arquétípicas da Vida pela Psicologia Simbólica Junguiana”, “Psicologia Simbólica Junguiana. A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação”, “Psicopatologia Simbólica Junguiana – Um Estudo do Mal e da Ameaça de Autodestruição da Nossa Espécie”.

Rua Santa Justina, 352, sala 134 – Vila Olímpia – São Paulo – SP - CEP 04545-041  
Tels (0XX11) 3845-3663 e (0XX11) 3849-0033  
e-mail [c.byington@uol.com.br](mailto:c.byington@uol.com.br)  
site: [www.carlosbyington.com.br](http://www.carlosbyington.com.br)

## INTRODUÇÃO

Jung deu grande importância em sua obra ao fenômeno da polaridade psíquica. Buscou sempre perceber o aspecto construtivo e destrutivo de tudo o que existe na Psique para evitar a unilateralidade. Continuando essa perspectiva de Jung, descrevi o conceito de símbolo estruturante para englobar todas as coisas e de função estruturante para abranger todas as funções psíquicas, ambos sempre bipolares. Dessa maneira, creio diminuir a possibilidade de deixarmos de perceber a extensão dos significados simbólicos e a bipolaridade em qualquer estudo psicológico.

Pelo fato de todos os símbolos e funções estruturantes incluírem nesta conceituação a possibilidade de se expressarem igualmente na Consciência ou na Sombra, dependendo de estarem livres ou fixados no processo de elaboração simbólica, pude associar permanentemente a polaridade Consciência–Sombra à polaridade criatividade-defesa, ou normalidade-patologia, durante o desenvolvimento. Em seguida, ao considerar central o conceito de defesa na Psicanálise e ao perceber sua natureza arquetípica, pude englobar os principais conceitos da Psicanálise dentro do desenvolvimento simbólico e arquetípico da personalidade. É este enfoque bipolar, simbólico e arquetípico que aplicarei a seguir à polaridade Vida-Morte. Ele pressupõe a transcendência tanto da Vida quanto da Morte na dimensão do Self. O problema da transcendência literal da morte física permanece aqui aberto à pesquisa científica.

A função da polaridade Vida-Morte na transformação psicológica foi o tema central do artigo de Sabina Spielrein “*A Destruição como Causa da Transformação*” (Spielrein, 1912). Neste artigo, publicado no *Anuário de Psicanálise e Psicopatologia*, Parte II, de 1912, junto com a parte II de *Símbolos de Transformação*, de Jung, Sabina reconhece a influência de Jung em seu artigo. No capítulo 7 (*A Mãe Dual*), Jung (1912) relaciona Vida e Morte na transformação com o símbolo arquetípico da mãe. Sabina cita a seguinte passagem: “A libido é dual: é a força que tudo propicia e, em algumas circunstâncias, tudo destrói.” (Spielrein,

1912, pg. 465). Ela então acrescenta: “A união de células de um homem e uma mulher ocorre na fecundação. Neste momento, a unidade de cada célula é destruída, e uma vida nova surge desta destruição.” (Spielrein, 1912, pg. 503). O estudo da polaridade Vida-Morte foi retomado de novo por Freud, em *Além do Princípio do Prazer* (Freud, 1920), como o tema central de sua última teoria da libido.

No presente artigo quero descrever a polaridade Vida-Morte como uma função estruturante criativa e defensiva e como a principal polaridade do Arquétipo Central na elaboração simbólica. Ao mesmo tempo, baseado nos padrões arquetípicos Ego-Outro da Consciência, procuro explicar a razão do conceito radicalmente diferente dado ao Arquétipo da Vida e da Morte, de um lado, por Sabina e Jung, e de outro, por Freud. Na verdade, Jung e Sabina inter-relacionam dialeticamente a dualidade Vida-Morte na unidade. Por relacionamento dialético entre as polaridades compreendo o intercâmbio criativo dos opostos, tendo ambos direitos iguais a expressar todas as suas características, incluindo aqui os diferentes graus de oposição e até mesmo sua capacidade de um pólo adotar o significados habituais do outro em determinado contexto, o que explica sua paradoxal “igualdade”. Freud, por outro lado, mantém esta polaridade radicalmente separada e exclusivamente oposta na dualidade de maneira maniqueísta. Esta controvérsia me parece de grande interesse teórico. Poderia um lado estar certo e o outro errado, ou pode ser que ambos tenham razões justificáveis? Como tentarei demonstrar, sua diferença reside no fato de adotarem distintas posições arquetípicas de Consciência para descrever os fenômenos psíquicos em diferentes fases da vida. A meu ver Freud está certo quando adota a posição polarizada dos opostos para descrever a função estruturante do Complexo Parental na infância, enquanto Jung está correto quando adota o relacionamento dialético dos opostos na fase madura da vida (entre 40 e 60 anos).

Freud escreve: “Nosso debate teve como ponto de partida uma distinção nítida entre os instintos do ego, que equiparamos aos instintos de morte, e os instintos sexuais, que equiparamos aos instintos de vida.” “Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definidamente dualistas do

que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte. A teoria da libido de Jung é, pelo contrário, monista; o fato de haver ele chamado sua única força instintual de 'libido', destina-se a causar confusão (...)" (Freud, 1920, pg.73).

Embora firmemente entrincheirado nesta posição dualista, Freud não está inteiramente à vontade nela, e já na página seguinte ele conjectura: "Na obscuridade que reina atualmente na teoria dos instintos, não seria avisado rejeitar qualquer ideia que prometa lançar luz sobre ela. Partimos da grande oposição entre os instintos de vida e de morte. Ora, o próprio amor objetal nos apresenta um segundo exemplo de polaridade semelhante: a existente entre o amor (ou afeição) e o ódio (ou agressividade). Se pudéssemos conseguir relacionar mutuamente essas duas polaridades e derivar uma da outra! Desde o início identificamos a presença de um componente sádico no instinto sexual. (...) Mas, como pode o instinto sádico, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida?" (Freud, 1920, pg.74).

Neste sentido Freud expressa a possibilidade de incluir a dualidade na unidade, mas logo depois desiste disto devido a seu preconceito em relação ao unitarismo místico. "Se uma pressuposição assim é permissível, atendemos então a exigência de que produzíssemos um exemplo de instinto de morte, embora se trate, na verdade, de um instinto deslocado. Mas essa maneira de considerar as coisas está muito longe de ser fácil de captar e cria uma impressão positivamente mística. Sua aparência é suspeita, como se estivessemos tentando achar um modo de sair a qualquer preço de uma situação embaraçosa." (Freud, 1920, pg.75).

A dualidade, no entanto, também não é confortável para Freud, como nunca o foi para o espírito científico. Einstein devotou os últimos 25 anos de sua vida tentando formular uma teoria unitária de campo que pudesse abranger a Teoria da Relatividade, que formula os conceitos de espaço, tempo e gravidade, juntamente com a Teoria Quântica, que formula os conceitos de átomo, matéria e energia. Embora ele não tenha sido capaz de inter-relacionar as dimensões gravitacional e eletromagnética num todo significativo, Einstein justificou sua busca durante estes

últimos 25 anos de sua vida dizendo que “a ideia de que estas duas estruturas no espaço (micro e macro) são independentes entre si é intolerável para um espírito teórico” (Barnett, 1948, pg.110).

Ainda em *Além do Princípio do Prazer*, algumas páginas adiante, Freud hesita em manter a dualidade e escreve: “Pode-se perguntar se, e até onde, eu próprio me acho convencido da verdade das hipóteses que foram formuladas nestas páginas. Minha resposta seria que eu próprio não me acho convencido e que não procuro persuadir outras pessoas a nelas acreditar, ou, mais precisamente, que não sei até onde nelas acredito.” (Freud, 1920, pg.80). E, como se não pudesse permanecer na dualidade, a despeito de afirmá-la, em suas considerações finais, Freud volta à questão da unidade e desta vez subordina o Instinto de Vida ao Instinto de Morte. “Ainda não podemos decidir com certeza em favor de nenhum desses enunciados, mas é claro que a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à aquiescência do mundo inorgânico. (...) O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte.” (Freud, 1920, pgs. 83 e 85). Consciente das dificuldades lógicas de seus próprios argumentos, Freud termina o artigo com o seguinte verso: “Ao que não podemos chegar voando, podemos chegar mancando (...)” (Freud, 1920, pg.85).

Jung e Sabina, por sua vez, não têm problemas em considerar a paradoxal interação conflitante e harmoniosa da polaridade Vida-Morte dentro do processo de desenvolvimento psicológico. No início de seu artigo, Sabina exemplifica a interação destruição-construção na transformação biológica quando da fecundação, na qual os gametas morrem para formar o ovo. Jung, como os alquimistas, percebeu o relacionamento dialético não apenas na polaridade Vida-Morte, mas também em todas as outras polaridades dentro do Self. É difícil encontrar alguma obra de Jung na qual ele não enfatize a importância da bipolaridade psíquica dialética. Neste sentido Jung e Sabina são monistas, mas incluem a dualidade Vida-Morte e todos os opostos numa permanente interação dialética dentro da unidade. Assim, afirmar, como o fez Freud, que Jung tornou-se monista ao definir a libido como energia psíquica, não está inteiramente correto. A resposta correta parece ser tanto “sim”

como “não”. “Sim” porque, ao identificar a libido com a energia psíquica, e assim unificar todas as funções psíquicas dentro do Self, Jung tornou-se monista. “Não” porque ele não negou a dualidade das funções psíquicas. Ao contrário, invariavelmente afirmou e reafirmou a existência de polaridades dentro de todos os símbolos e arquétipos. Portanto podemos dizer que lidar dialeticamente com a dualidade dentro da unidade é essencial ao seu raciocínio psicológico (Byington, 1965).

De acordo com uma Teoria Arquetípica das Relações Objetais concebida pela Psicologia Simbólica (Byington, 1966a), a diferença entre as abordagens de Freud e Jung no que se refere à polaridade e à unidade pode ser atribuída a dois modos distintos de funcionamento da Consciência: em Freud, em função da posição polarizada característica do Arquétipo Patriarcal, enquanto que, em Jung, devido à posição dialética característica do Arquétipo da Alteridade. Como podemos ver, cada posição é correta dentro de seu próprio ponto de vista, e também é errada, quando reivindica ser a única posição válida, desejando usurpar ou invalidar as demais posições. A posição polarizada é necessária para compreender a elaboração e formação da identidade durante o estágio patriarcal da infância (Neumann, 1955). A posição dialética, por outro lado, coordenada pelo Arquétipo da Alteridade, é dominante na elaboração e formação do Ego durante a adolescência e na fase madura da vida (dos 40 aos 60 anos).

A formulação das posições arquetípicas da Consciência combina conceitos básicos da Psicologia Analítica e da Psicanálise, incluindo a Teoria das Relações Objetais de Melanie Klein.

Este simpósio (1996), comemorativo de 90 anos do relacionamento Freud–Jung, parece-me uma ocasião propícia para ver as diferenças entre as obras destes dois grandes gênios da Psicologia do século XX. Dentre outros aspectos, podemos empregar a distinção entre padrões arquetípicos de Consciência para ter um entendimento arquetípico das diferentes abordagens em relação às polaridades, incluindo a polaridade Vida-Morte. A compreensão desta diferença é importante

também para entendermos melhor o conceito de incesto na Psicanálise e na Psicologia Analítica.

Minha vida profissional se desenvolveu na segunda metade do século vinte, quando os conflitos emocionais entre os seguidores da Psicanálise e da Psicologia Analítica foram aos poucos arrefecendo. Desde minha monografia de graduação em Zurique, considero as obras de Jung e Freud complementares (Byington, 1965). Por isso mesmo sempre achei que, apesar da animosidade tradicional entre as duas escolas, seus conteúdos iriam natural e criativamente interagir e se transformar dentro do Self Cultural, produzindo novas sínteses e conceitos para a Psicologia (Byington, 1986). De fato observei, com o passar do tempo, que estas sínteses espontâneas estão ocorrendo, mas frequentemente sem a preservação das contribuições essenciais da Psicanálise e da Psicologia Analítica. O que se observa nestas sínteses espontâneas é uma colcha de retalhos que mistura o referencial arquetípico, o conceito de Sombra, as defesas, as técnicas expressivas e o desenvolvimento da personalidade de forma confusa. A mistura com as contribuições de outras correntes psicológicas confundiu ainda mais esta colcha de retalhos, na qual frequentemente se perde a articulação conjunta das grandes descobertas dos mecanismos de defesa e da transferência defensiva na teoria da fixação, da regressão e da compulsão de repetição da Psicanálise, e dos arquétipos, do desenvolvimento simbólico (prospectivo), da transferência criativa e das técnicas expressivas, dentro do Processo de Individuação, da Psicologia Analítica.

Para aproximarmos estes conceitos teoricamente, e ao mesmo tempo, evitar a Babel da colcha de retalhos, necessitamos um referencial teórico que os possa abranger de forma coerente e não reducionista. A Psicologia Analítica não possui este referencial, porque Jung descreveu o Processo de Individuação na segunda metade da vida e não se ocupou sistematicamente da formação e transformação arquetípica do Ego e da Sombra desde o início da vida. Embora seus seguidores – principalmente Fordham, Neumann e Edinger – tenham descrito a formação arquetípica do Ego na primeira infância, eles não coordenaram a relação Ego-Arquetipo com a formação da Sombra durante todo o processo de vida. A



Psicanálise também não possui este referencial, porque descreveu a formação da personalidade somente até a puberdade e a embasou exclusivamente na repressão e sublimação do Complexo de Édipo. Cada corrente descreveu a natureza da Psique em função do que descobriu e estudou. É óbvio que o referencial de uma não está apto para englobar o que a outra descreveu e vice-versa, posto que cada uma descreve não apenas etapas de vida e fenômenos psíquicos muito diversos, mas está baseada predominantemente em dois diferentes padrões de Consciência. O que mais faltou à Psicanálise, a meu ver, foi o conceito de arquétipo e a ampliação do conceito de símbolo que isto permite. Já na Psicologia Analítica, por outro lado, o que mais faltou foi a ampliação do conceito de arquétipo para englobar a Consciência, as defesas e a formação e interação da polaridade Ego-Outro na Consciência e na Sombra (inconsciente).

Para descrever a formação e transformação da polaridade Ego-Outro na Consciência e na Sombra durante toda a vida, através de vivências pessoais percebidas arquetipicamente, desenvolvi um referencial teórico que difere da Psicanálise e da Psicologia Analítica principalmente pela ampliação dos conceitos por elas formulados. Formulei esta teoria e a denominei Psicologia Simbólica (Saiz, 1989). Sua finalidade não é discordar nem da Psicologia Analítica nem da Psicanálise, mas preservar, reunir coerentemente, e continuar desenvolvendo o que elas têm de imensamente importante para a compreensão do desenvolvimento individual e cultural. Veremos que diferenças tão fundamentais quanto os conceitos de Vida-Morte, de agressividade e de afetividade, de parricídio, e de incesto, não foram devidamente compreendidas por Freud e Jung devido às limitações do seus referenciais teóricos e, especialmente, devido aos dois padrões arquetípicos de Consciência que permearam toda sua criatividade, a saber, o padrão patriarcal na Psicanálise e o padrão de alteridade na Psicologia Analítica.

Vejamos os principais conceitos da Psicologia Simbólica, que nos permitirão discutir importantes conteúdos e diferenças da Psicologia Analítica e da Psicanálise.

### **Os Arquétipos também são Conscientes**

Segundo me parece, Jung seguiu Freud indevidamente ao reduzir o conceito de Arquétipo ao inconsciente. O domínio inconsciente do Id tornou-se o domínio do arquétipo. Este conceito de arquétipo me parece redutivo porque qualquer pessoa adulta pode optar, isto é, escolher conscientemente um determinado padrão arquetípico para elaborar determinada situação, o que faz o arquétipo também consciente. Posso optar por elaborar uma tarde de domingo, por exemplo, de forma predominantemente matriarcal, com um banho de piscina e um bom churrasco ou de maneira predominantemente patriarcal, organizando meus documentos para o Imposto de Renda. Poderia ainda optar pela dominância de alteridade e dar uma palestra num centro comunitário sobre as várias polaridades do crescimento da criminalidade e desemprego na Cidade de São Paulo. Poderia também optar pela dominância do Arquétipo da Totalidade e passar a tarde meditando de forma contemplativa.

Assim, a polaridade Ego-Arquétipo permite uma certa participação do Ego, que é a base arquetípica do livre arbítrio. Se os arquétipos fossem exclusivamente inconscientes, isto jamais seria possível. Por isso, **ampliei o conceito de Arquétipo para abranger também a Consciência** (Byington, 1996a). Nesse caso, os arquétipos se tornam a base da Psique Coletiva, que engloba as características conscientes e inconscientes dos símbolos e não exclusivamente inconscientes como acontece na Teoria do Inconsciente Coletivo formulada por Jung. De acordo com sua definição, um arquétipo é um padrão abstrato inconsciente de comportamento que apenas aparece na Psique através de imagens. Para a Psicologia Simbólica o arquétipo é tanto consciente quanto inconsciente. O arquétipo é expresso através de imagens arquetípicas, de complexos e de qualquer outra coisa que seja vivenciada. Deste modo, os símbolos sempre têm simultaneamente características arquetípicas conscientes e inconscientes, e podem ser formados por conteúdos de todas as dimensões existenciais – social, ecológica (natureza), física (corpo), palavras, emoções, imagens e números.

## **O Conceito de Psique**

Seguindo o jesuíta francês e filósofo da ciência Pierre Teilhard de Chardin, e também a tradição hindu, a Psique é aqui concebida como o Cosmos, e a diferenciação da Consciência como uma diferenciação do próprio Cosmos, através do Processo de Humanização (Teilhard de Chardin, 1947). Nesta perspectiva, as polaridades mente-corpo e mente-natureza estão sempre dentro do Self Cósmico, que contém todas as polaridades. Assim, a polaridade dentro-fora refere-se unicamente ao Ego, e não ao Self Cósmico. Apesar de Jung ter frequentemente considerado a realidade única da Psique e da Matéria, ele não empregou uma palavra única para expressá-las. De maneira a situar a polaridade Psique-Matéria como polos da mesma dimensão, Jung formulou os conceitos de sincronicidade (Jung, 1952), psicoide (Jung, 1946) e *unus mundus* (Jung, 1958). Quando, porém, conceituamos de início a Psique como **a mesma coisa** que o Cosmos, seja na Ciência, Religião ou Psicologia, os conceitos de *unus mundus*, psicoide e sincronicidade são úteis e dinâmicos tão somente para descrever a percepção da realidade simbólica comum das polaridades mente-natureza, mente-corpo e de todas as polaridades relacionadas com a polaridade Ego-Outro, mas nada acrescentam à concepção unitária da Psique, que já está presente nos conceitos de Psique e de Cosmos.

Apesar de Jung, que eu saiba, nunca ter afirmado sistematicamente o equivalente à concepção hindu de que a Psique é sinônimo de Deus e do Cosmos, sua vivência da Psique muito se aproxima desta ideia, quando, por exemplo, escreveu: “Referência deve ser feita ao conceito hindu de Atman, cuja fenomenologia pessoal e cósmica é um equivalente perfeito do conceito psicológico de Self e do *Filius Philosophorum* (pedra filosofal): o Self é o Eu e o Não Eu, subjetivo e objetivo, individual e coletivo.” (Jung, 1946b, par. 474). Embora Jung, nesta citação, faça referência à Pedra Filosofal como uma realidade simultaneamente subjetiva e objetiva, quando ele interpreta a Alquimia, ele não trata a Química e a Psicologia como uma única dimensão simbólica (expressa pela energia universal ou libido) e, repetidamente, recai na posição polarizada da Psique e interpreta a maior parte dos significados subjetivos do simbolismo alquímico como “projeção inconsciente” da “Psique” do alquimista sobre a matéria (Jung, 1944, pars. 242-400).

## **A Interação Ego–Arquétipo no Eixo Simbólico**

A Psicologia Simbólica, por princípio, afirma a permanente interação do Ego com os arquétipos, exercida por intermédio dos símbolos. Pelo fato de não haver descrito a formação do Ego a partir dos arquétipos desde o início da vida, Jung frequentemente descreveu a fenomenologia dos arquétipos como sendo separada daquela do Ego e vice-versa. Para a Psicologia Simbólica, o Ego é sempre arquetípico e expressa o processo de atualização do potencial do Arquétipo Central. O Ego é o fruto da árvore que é o Self e esse fruto é a expressão da capacidade criativa do Arquétipo Central geneticamente aparelhado para coordenar o crescimento do fruto e da árvore. Neste sentido é impossível conceber qualquer estado psicológico tanto sem um Ego como sem um arquétipo. Seja saudável, indiscriminado ou fragmentado, o Ego é sempre arquetipicamente guiado. Assim, quando lemos na filosofia oriental referências a estados psíquicos além do Ego ou sem um Ego, devemos compreender isto como a busca do desapego da sensualidade do padrão matriarcal e do poder do padrão patriarcal para atingir os padrões arquetípicos de Consciência de alteridade e totalidade, mas sempre com um Ego.

## **A Polaridade Ego–Outro**

A Psicologia Simbólica descreve a formação e a transformação da identidade do Ego inseparavelmente da formação e transformação da identidade do Outro, através do processo de elaboração dos símbolos coordenados pelos arquétipos. Assim, para a Psicologia Simbólica, o Ego não é o centro da Consciência. Esta centralização do Ego na Consciência me parece ser um viés narcísico da Psicanálise e da Cultura Ocidental, que Jung também acompanhou indevidamente (Jung, 1921, definição de Ego). Este viés explica a importância exagerada dada ao narcisismo na Psicanálise, em detrimento do ecoísmo. Para a Psicologia Simbólica, a identidade do Ego e do Outro ocupa o centro da Consciência. Consequentemente, os polos ecoísmo-narcisismo têm igual importância para o desenvolvimento da

Consciência e para caracterizar diferentes situações de dominância, ora do Ego, ora do Outro, nos seus relacionamentos (Montellano, 1996).

### **Os Símbolos e as Funções Estruturantes**

A Psicologia Simbólica descreve os símbolos como símbolos estruturantes e as funções psíquicas como funções estruturantes, ambos coordenados pelos arquétipos para formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência através do processo de elaboração simbólica. Neste caso, a Persona e a Sombra são concebidas como funções estruturantes: a Persona, de um modo geral, expressando as funções estruturantes sociossintônicas e a Sombra, por sua vez, as funções estruturantes sóciodistônica. A Sombra pode expressar também símbolos e funções estruturantes sociossintônicos que, devido a alguma limitação do processo existencial, foram constelados mas não puderam ser criativamente elaborados na Consciência. Essas limitações existenciais vão desde a problemas de saúde física até dificuldades financeiras, sócio-políticas, familiares e outras mais.

### **As Funções Estruturantes Criativas e Defensivas**

A Psicologia Simbólica reelabora sistemicamente o conceito de mecanismos de defesa do Ego da Psicanálise e descreve as funções estruturantes criativas e defensivas, ambas consideradas de natureza arquetípica e atuando na elaboração simbólica. As funções estruturantes são todas as funções da vida e da natureza. Englobam as pulsões da Psicanálise e expressam a elaboração simbólica livremente na Consciência quando atuam criativamente. Quando ocorre uma fixação na elaboração simbólica, as funções estruturantes passam a operar defensivamente. Neste caso expressam símbolos resultantes de uma elaboração simbólica alijada da Consciência, que atua de forma inadequada, sujeita à compulsão de repetição e resistente à conscientização plena, como descreveu a Psicanálise. As funções estruturantes criativas e defensivas são estruturalmente as mesmas e só diferem em função de manterem a elaboração simbólica predominantemente na Consciência (funções estruturantes criativas) ou de impedir seu acesso a ela e mantê-la dominada inconscientemente pela Sombra (funções estruturantes defensivas). A definição da função estruturante criativa, como oposta

à função estruturante defensiva, não implica que uma função estruturante defensiva não seja de todo criativa. Significa, antes, que as defesas não podem ser completamente criativas porque estão fixadas e sujeitas à compulsão de repetição. Temos assim, por exemplo, a projeção criativa e defensiva, a agressividade criativa e defensiva e, até mesmo, as funções estruturantes da Vida e da Morte atuando de forma criativa ou defensiva, como veremos adiante. Esta conceituação nos permite afirmar que as defesas são a expressão arquetípica do inconsciente reprimido na Psicanálise e da Sombra na Psicologia Analítica. A concepção de defesas operando no desenvolvimento normal formulado pela Psicanálise criou uma enorme confusão entre o desenvolvimento normal e o patológico, na Psicologia, e entre Bem e Mal, na Ética, que encobre a visão puritana da natureza humana como sendo fundamentalmente má. Parece-me que se a Psicologia dinâmica iniciada por Freud tivesse centralizado a sua teoria na polaridade criativa e defensiva das funções estruturantes, ao invés de simplesmente na polaridade consciente-inconsciente, sua pujança conceitual teria sido muito maior e sua distorção metodológica, bem menor.

### **O Conceito de Sombra Circunstancial e Cronificada na Psicologia Simbólica**

A Sombra é concebida como a reunião de todas as funções estruturantes defensivas, o que a torna uma expressão da elaboração simbólica incompleta, defeituosa, e existencialmente inadequada. A Sombra abriga também a polaridade Ego-Outro fixada nos vários estágios do desenvolvimento simbólico. A existência de um Ego na Sombra é o que nos dá uma vivência de identidade, permeada de inconsciência, de ansiedade e de culpa, que reprovamos, e simultaneamente sentimos estranhas a nós. A psicodinâmica da Sombra de uma pessoa ou cultura só pode ser compreendida dentro da história das distorções e fixações do processo de elaboração simbólica desta pessoa ou cultura. A Psicologia Simbólica diferencia uma Sombra Circunstancial e uma Sombra Cronificada, ambas expressas por defesas. A Sombra Circunstancial é uma reação defensiva a um contexto presente, no qual as funções estruturantes defensivas oferecem pouca resistência e logo passam a funções estruturantes criativas quando confrontadas pelo Ego consciente. A Sombra Cronificada, ao contrário, é uma reação defensiva a um contexto

passado, depois do qual as estruturas defensivas tornaram-se crônicas e empedernidas, inconscientemente entrincheiradas, e que no presente oferecem grande resistência para serem confrontadas pelo Ego da Consciência, como tão bem descreveu a Psicanálise. A não compreensão da formação arquetípica do Ego e da Sombra no processo de elaboração simbólica do Self levou muitos Junguianos a idealizarem o Self como algo exclusivamente bom e os impediu de compreender a formação psicodinâmica da Sombra, o que dificulta uma compreensão arquetípica sistêmica da Psicopatologia. A concepção da equivalência entre a polaridade Consciência-Sombra e a polaridade criativa-defensiva de todas as funções estruturantes permite à Psicologia Simbólica, por um lado, igualar o polo consciente-criativo à formação do Bem na Ética, da verdade na ciência, e do desenvolvimento normal, e por outro, o polo inconsciente-fixado à formação da Sombra, do Mal, do pecado, da patologia e do erro, dentro do processo de elaboração simbólica (Byington, 1997).

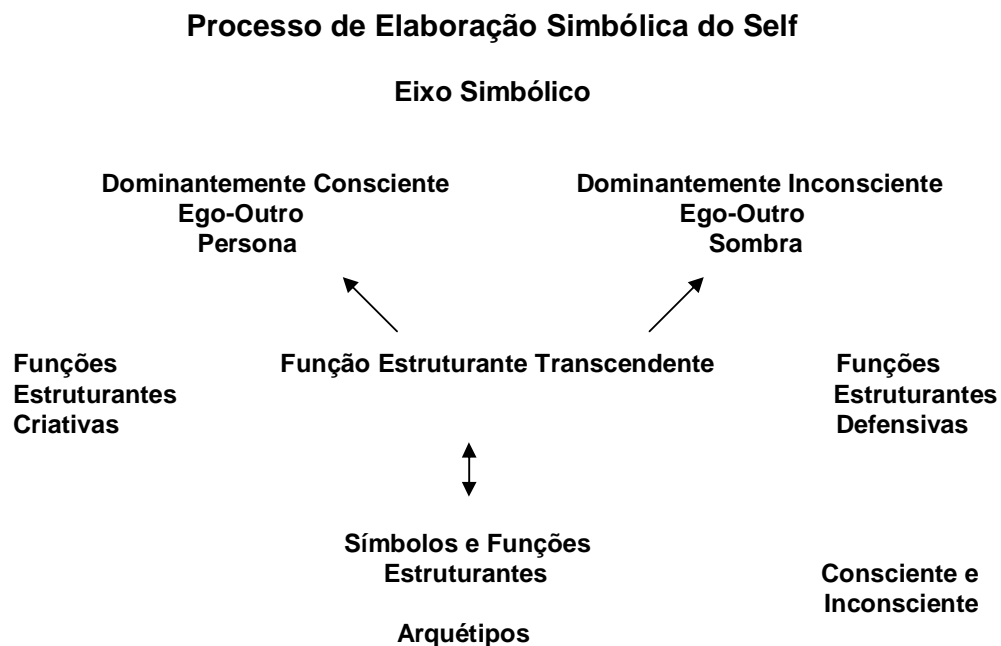
### **O Conceito de Símbolo Estruturante**

Devido à conceituação da Psique como sinônimo do Cosmos, a Psicologia Simbólica considera o símbolo estruturante, que reúne o subjetivo e o objetivo, a unidade da Psique. Todo símbolo possui um contexto atual, histórico e arquetípico e todas estas três características contribuem para formar e transformar a identidade do Ego e do Outro na Consciência e na Sombra, daí ser chamado *símbolo estruturante*. A capacidade do Ego de raciocinar simbolicamente é alcançada praticamente entre 4 e 5 anos de idade. A capacidade simbólica prospectiva do Self, no entanto, está sempre presente e precede o Ego desenvolvido, porque é a própria matriz de toda formação de identidade do Ego e do Outro. Os símbolos formam e transformam permanente e prospectivamente a identidade Ego-Outro através da elaboração simbólica das funções estruturantes coordenada pelos arquétipos. Jung nem sempre teve um referencial teórico para explicar sua capacidade extraordinária de vivência simbólica e muitas vezes recorreu ao esoterismo, como, por exemplo, quando inscreveu as seguintes palavras na entrada de sua casa em Küsnacht: *“Invocatur, non invocatur, Deus aderit”*. A Psicologia Simbólica expressa cientificamente esta mesma experiência nas seguintes palavras: **“Percebida ou não**

pela Consciência, a Psique é sempre simbólica e todos os símbolos são também, em última instância, símbolos do Self”.

## O Eixo Simbólico

A Psicologia Simbólica conceitua o Eixo Simbólico, descrito como Eixo Ego-Self por Erich Neumann, intermediando três instâncias: Consciência/Sombra, Símbolos e Funções Estruturantes, e Arquétipos. Juntas, estas três instâncias participam do processo de elaboração simbólica do Self. Desta maneira, a Função Transcendente (Jung, 1916) é a função estruturante essencial do Eixo Simbólico.



(Ver gráfico completo na página 65.)

## O Processo de Elaboração Simbólica

Toda atividade psíquica é centrada no Processo de Elaboração Simbólica que ocorre na interação das três instâncias do Eixo Simbólico do Self. Toda vivência



existencial é submetida em maior ou menor grau à elaboração simbólica através das funções estruturantes. Desta maneira o significado dos símbolos é integrado na personalidade para formar e transformar a identidade do Ego e do Outro na Consciência. É a intensificação da elaboração simbólica na terapia que produz a interpretação e o *insight*, e não vice-versa. Porque a elaboração simbólica é coordenada pelo Arquétipo Central e por todos os outros arquétipos que o circundam, a elaboração criativa normal ocorre através da centroversão (Neumann, 1955). A centroversão é a expressão de toda elaboração simbólica, porque quando os símbolos são elaborados, em última análise todos eles expressam a personalidade como um todo, o Self, e seu centro regulador, o Arquétipo Central. Os conceitos de fixação e de regressão da Psicanálise são aqui considerados aspectos defensivos da elaboração simbólica criativa normal. A regressão é a função estruturante defensiva, cuja função estruturante criativa correspondente faz parte da centroversão criativa descrita por Erich Neumann. A regressão é uma das formas da centroversão defensiva.

### **A Polaridade Prospectiva-Redutiva**

A polaridade prospectiva-redutiva pode ser usada na elaboração de qualquer símbolo. Qualquer símbolo operando livre e criativamente é sempre também prospectivo, porque a prospecção é uma característica inerente à função simbólica. Sempre que um símbolo se torna fixado, seu poder prospectivo é reduzido e o símbolo funciona redutivamente. Associar vivências infantis a símbolos é uma amplificação como qualquer outra e não é necessariamente redutivo se os símbolos não são fixados. Reduzir a elaboração de um símbolo é limitar sua elaboração a um ou mais significados específicos. Este é um procedimento estratégico necessário sempre que elaboramos símbolos fixados na Sombra. Durante a elaboração simbólica as associações podem ser empregadas de forma redutiva ou prospectiva. Se amarramos os significados de um símbolo exclusiva e causalmente a um significado presente, passado ou à possibilidade de um significado futuro, estamos sendo redutivos. No entanto, se descobrirmos os significados dos símbolos no passado, no presente ou num possível futuro, e os virmos como possibilidades existenciais dentro da sincronicidade, então estaremos sendo prospectivos. Não há

dúvida que **as fixações reduzem e até literalizam os significados simbólicos**, e é por isso que a elaboração de fixações tem que ser feita também redutivamente. No caso de uma defesa, o terapeuta deve tomar cuidado ao enumerar indistintamente os significados gerais do símbolo fixado, pois isso pode confundir a elaboração da Sombra. Para se elaborar uma fixação é necessário setorizar claramente os significados e os contextos onde atuam os significados simbólicos comprometidos.

Somente quando os símbolos e as funções estruturantes tenham sido resgatados da fixação é que poderão ser novamente elaborados criativa e prospectivamente. Um jovem psiquiatra era fascinado pelos símbolos do amor e repetidamente afirmava durante a análise sua dedicação a encontrar um grande amor em sua vida. Ele lia muito sobre o amor e cultivou intensamente a função amorosa. Sua atitude altamente prospectiva, no entanto, envolvia obsessivamente uma fixação e uma idealização defensiva que tinham que ser trabalhadas redutivamente. Sua história de amor, começando com sua mãe, suas duas irmãs, namoradas e dois casamentos, mostrava uma falha após a outra. Ele se referia à sua mãe como uma personalidade brilhante, com uma carreira muito bem sucedida como advogada, a quem ele admirava e “amava profundamente”, mas que nunca tinha tido tempo para expressar afeto. O problema do jovem médico com seus relacionamentos amorosos era sempre o mesmo: entusiasmado e apaixonado no início, mas logo muito crítico sobre “a incapacidade de amar da mulher”, o que o levava inevitavelmente a separações dolorosas. Sua projeção defensiva sobre as mulheres era muito difícil de ser trabalhada redutivamente durante a análise devido à sua busca prospectiva de amor. Finalmente, teve um sonho que permitiu trabalharmos esta fixação: ele estava num restaurante muito elegante e comia um delicioso bife. Num determinado momento, olhou para as fotos que ficavam penduradas nas paredes, que costumavam ser do lindo gado da fazenda do proprietário, e viu os retratos de todas as mulheres de sua vida amorosa. Ficou muito chocado com este sonho, mas só então pudemos trabalhar redutivamente sua função estruturante do amor fixado e defensivamente idealizado devido à imensa rejeição que ele sentira por parte de sua mãe. Ele se identificara com ela defensivamente e assim, se havia tornado, ele próprio, incapaz de amar. Ao

conscientizar que tratava seus relacionamentos amorosos como gado de corte e, por isso, terminava sempre sendo rejeitado, pode liberar-se dessa fixação e começar a amar criativamente.

O redutivismo criativo dos símbolos só tem razão de ser, além do trabalho terapêutico, quando necessitamos utilizá-los como sinais em situações específicas. É o caso do uso da cor vermelha, reduzida ao “proibido avançar”, na sinalização do trânsito. A elaboração simbólica pode enfatizar certos significados de acordo com cada contexto; no entanto, em última análise, os símbolos sempre são prospectivos, conduzindo-nos através dos caminhos do desenvolvimento psicológico (Sechehaye, 1947), sempre e de novo pelas veredas do grande sertão. Uma redução que tem limitado intensamente a psicodinâmica é a redução dos símbolos ao inconsciente. **A elaboração simbólica é um processo que sempre inclui a interação dos aspectos conscientes e inconscientes dos símbolos.** Se os sonhos são produtos do inconsciente, como podem ser lembrados? Mesmo a dimensão arquetípica pode ser redutivamente mal utilizada, como, por exemplo, quando subdividimos os símbolos em pessoais e arquetípicos. Pode algum símbolo ser mais pessoal e arquetípico do que aqueles da mãe, do pai e da criança? A Psicologia Simbólica considera que existem características conscientes e inconscientes presentes em todos os símbolos, bem como características pessoais e arquetípicas. Quando os símbolos se tornam fixados e são expressos defensivamente na Sombra através da compulsão de repetição, suas características inconscientes tornam-se dominantes. Quanto mais os símbolos são criativamente elaborados, mais suas características conscientes tendem a aumentar. A partir desta perspectiva, a inconsciência é uma característica dos símbolos, e não deve ser considerada um substantivo, muito menos um lugar. Os sonhos são aqui considerados uma linguagem metafórica da Psique, parcialmente consciente e parcialmente inconsciente. **Os sonhos são a linguagem poética imaginada durante o sono.** A linguagem dos sonhos pode ser criativa ou defensiva. Como com qualquer outro símbolo, não pode ser considerada pelas aparências. Apenas a elaboração simbólica revela a presença ou ausência de fixação, resistência e compulsão de repetição dentro do contexto geral do Self, que determina se qualquer símbolo, incluindo o simbolismo onírico, é criativo ou defensivo.

## **A Função Avaliadora**

A Psicologia Simbólica descreve a correspondência arquetípica do Superego na Psicanálise com a função avaliadora do processo de elaboração simbólica. A função avaliadora é a função do Self que afere a autenticidade existencial da elaboração simbólica e sua adequação a cada momento da vida, expressando o potencial único do Arquétipo Central para cada pessoa. A função avaliadora é uma função estruturante e, por isso, como as demais funções estruturantes, ela é arquetípica e pode operar criativa e defensivamente. Quando as crianças pedem para que lhes sejam contados contos de fadas de novo e de novo, uma razão possível é que a função avaliadora delas encontra símbolos elaborados incompletamente e clama por uma repetição criativa. Isto é muito diferente dos sintomas neuróticos, que estão sujeitos à compulsão de repetição defensiva devido à fixação e expressam a fixação da função avaliadora na elaboração de um símbolo particular.

## **O Quatérnio Arquetípico Regente**

A Psicologia Simbólica agrupa quatro arquétipos no Quatérnio Arquetípico Regente, os quais compõem os quatro pontos cardinais da elaboração simbólica. Esta coordenação quaternária da elaboração simbólica é a base para extrair todos os significados possíveis dos símbolos. Todos os quatro estão sempre presentes, mesmo quando um ou outro é dominante. Cada um deles tem uma posição correspondente no relacionamento Ego-Outro. Eles são o Arquétipo Matriarcal (posição insular), o Arquétipo Patriarcal (posição polarizada), o Arquétipo da Alteridade (que inclui os Arquétipos da *Anima* e do *Animus* – posição dialética) e o Arquétipo da Totalidade (posição contemplativa). Esses quatro arquétipos regentes, circundados pelos demais arquétipos, operam à volta do Arquétipo Central (ver gráfico na página 65).

## **As Cinco Posições Arquetípicas da Relação Ego–Outro**

A Psicologia Simbólica descreve cinco posições típicas da relação Ego-Outro durante o Processo de Elaboração Simbólica. Estas posições correspondem a estados diferentes de Consciência, o que permite o embasamento arquetípico da Teoria das Relações Objetais da Escola Inglesa de Psicanálise originada na obra de Melanie Klein ao mesmo tempo em que vê claramente que os arquétipos são também conscientes. Essas cinco posições são as seguintes:

### **O Arquétipo Central e a Posição Indiferenciada**

O Ego e o Outro se acham indiferenciados dentro do símbolo e, por conseguinte, também dentro do Self. Esta posição corresponde ao estado urobórico, que se refere ao dragão que engole a própria cauda (Ouroboros), cuja imagem foi empregada por Erich Neumann para expressar o estado indiferenciado da Consciência na Totalidade. Este estado ocorre quando os símbolos são ativados pelo Arquétipo Central para iniciar a elaboração simbólica.

### **O Arquétipo Matriarcal e a Posição Insular**

Sendo o arquétipo da sensualidade e da fertilidade, o Arquétipo Matriarcal é o arquétipo básico do Eros, da intimidade e da sobrevivência. A intimidade existente na relação Ego-Outro e em todas as demais polaridades cria ilhas características da Consciência Matriarcal. A Alquimia referiu-se a estas ilhas como centelhas (*scintillae*): “As centelhas frequentemente aparecem como douradas ou prateadas e são encontradas em múltiplas formas na terra. Elas então são chamadas de olhos de peixe (*occuli piscium*).” (Jung, 1955, par. 45). Estando faminto, um bebê pode odiar sua mãe numa ilha e, depois de alimentado, amá-la em outra ilha de Consciência, sem que isto seja um *split*. São apenas diferentes ilhas na Consciência Matriarcal. A posição insular é uma forma binária de Consciência porque o Ego se relaciona com apenas um dos polos das polaridades. É isto que produz as díades das relações primárias. Nos estados patológicos, surgem as defesas dissociativas ou *splits* entre as ilhas ou dentro delas. A denominação insular chama a atenção para o fato de que essas ilhas Ego-Outro conscientes são cercadas de

inconsciência, como as ilhas são cercadas pelas águas do mar. Assim, estas ilhas não estão totalmente separadas, pois são dinamicamente articuladas entre si através de características inconscientes dentro do Self.

A Psicologia Simbólica não denomina o Arquétipo Matriarcal de Arquétipo da Grande Mãe porque isto cria um viés ao reduzir o Arquétipo Matriarcal à mãe, à mulher e ao feminino. Esta redução do Arquétipo Matriarcal às mulheres é típica da dominância patriarcal, a qual inclui o feminismo. Embora expressando o oposto da posição de dominância patriarcal tradicional, o feminismo, pelo fato de ser reativo ao machismo, continua na posição polarizada e portanto permanece patriarcal. Todos os símbolos, funções psíquicas e arquétipos são bipolares. O Arquétipo Matriarcal inclui homem e mulher, feminino e masculino, deuses e deusas dentro da dimensão da sensualidade, fertilidade e sobrevivência. Sua vinculação simbólica à literalidade é inerente a seu rico imaginário, como vemos nas escritas por imagens encontradas nos hieróglifos e em muitos significados das palavras. Típico do politeísmo e do animismo, o dinamismo matriarcal é expresso em incontáveis mitologias tanto por deuses como por deusas, que representam sobretudo as forças da natureza. A redução do Arquétipo Matriarcal à mulher, tão típica da dominância patriarcal, foi amplamente usada na Psicologia Moderna como se fosse normal e inevitável. A Psicanálise e a Psicologia Analítica atribuíram a vida inicial do bebê sobretudo ao relacionamento com sua mãe. Desta forma a teoria psicológica continuou a dominância patriarcal, ao excluir o homem da dominância matriarcal no início do desenvolvimento da personalidade e ao deformar severamente as identificações primárias insulares através de imagens da mãe sempre-presente e do pai ausente. Com tal educação e orientação psicológica tão distorcidas, num período tão importante da formação da identidade, como podemos esperar que homem e mulher se relacionem democraticamente um com o outro na sociedade, no casamento e na educação de seus filhos? (Dinnerstein, 1949).

A intimidade entre características conscientes e inconscientes da polaridade Ego-Outro na posição insular capacita o Arquétipo Matriarcal para propiciar a expressão das funções estruturantes da clarividência, psicografia, mediunidade e possessão ritualística, bem como da causalidade mágica. Na Psicopatologia, a

posição insular defensivamente fixada é dominante nas desordens dissociativas características da histeria, incluindo as síndromes de conversão, nos vários quadros de adição e de doença psicossomática. Ela também pode desempenhar um papel central na depressão, na ansiedade patológica, como nas reações fóbicas e de pânico, e na desordem psicopática centrada no abandono (Byington, 1987).

A proximidade da relação Ego-Outro dentro destas ilhas de Consciência estabelece uma intimidade binária sensual e emocional, que mantém a Consciência operando muito próxima das reações primárias instintivas de prazer-desprazer. A posição insular, que domina a Consciência na primeira infância, foi denominada de estado libidinal perverso-polimorfo por Freud e corresponde também, durante a vida, à Consciência Lunar ou Matriarcal, descrita por Erich Neumann (1950). Esta posição insular característica do Arquétipo Matriarcal é responsável pelo padrão de Consciência descrito por Levy-Brühl como “*participation mystique*” e “*mentalité primitive*” das sociedades tribais, também chamado por Jung de “identidade arcaica ou inconsciente” (Byington, 1998). Nesta posição, as identificações primárias são formadas isoladamente através de experiências simbólicas com o pai e a mãe, ou outras relações íntimas, para construir a base dos Complexos Paterno e Materno, não apenas através dos seus aspectos literais e explícitos, mas também e principalmente através das suas características simbólicas criativas, predominantemente conscientes, ou defensivas, predominantemente inconscientes. Neste último caso, elas formarão a Sombra circunstancial ou crônica muito cedo na vida. As identificações primárias com o pai e a mãe contribuem decisivamente para formar os Complexos Materno e Paterno, os quais diferenciam o Complexo Parental. Por parental quero dizer o relacionamento entre pai e mãe como um casal, especialmente o vínculo polarizado entre eles, o que contribui para a mais importante fonte de identificações secundárias e que Freud descreveu como Complexo de Édipo. A Psicologia Simbólica adota o termo Complexo Parental, pois considera o Complexo de Édipo uma forma defensiva e patológica do Complexo Parental.

Muitos pesquisadores subestimam a capacidade da posição insular de expressar a dimensão simbólica e alguns chegam ao extremo de negar a

capacidade de simbolização a esse estado de Consciência porque frequentemente ele se expressa literalmente. Este erro, a meu ver, advém da confusão entre a capacidade do padrão matriarcal de se expressar verbal e racionalmente (para o que a posição insular é limitada) e, por outro, a sua capacidade de vivenciar as características simbólicas, sobretudo corporalmente e em parte inconscientemente (para o que a posição insular é muito dotada). Muitos pediatras, hoje, já associam várias disfunções de bebês, como por exemplo certos sintomas pulmonares, cutâneos e gastrointestinais, além das causas médicas tradicionais, também como expressões simbólicas. Assim, podemos até mesmo dizer que, em matéria de quantidade e intensidade de apreensão, registro e expressão de características simbólicas predominantemente inconscientes, a função insular não só não é menos capaz, como é de fato **muito mais capaz** que as outras posições. Por isso, a estruturação da identidade na infância recebe o impacto simbólico estruturante com consequências muito mais significativas do que nas outras etapas da vida. A explicação para isto é que as outras posições são mais abstratas, o que torna o Ego mais capaz de articular a elaboração simbólica de forma mais refinada e com maior proporção de Consciência do que na posição insular e, **exatamente por abstrair mais, as posições polarizada, dialética e contemplativa** perdem muitos componentes dos símbolos durante a elaboração simbólica. Esta maior capacidade de intimização Eu-Outro e consciente-inconsciente explica por que, durante a vida, as funções estruturantes da clarividência, imaginação, telepatia, mediunidade e da possessão são mais frequentes e intensas na posição insular. Esta posição está exuberantemente presente nos mitos, sonhos, contos de fadas e folclore. Esta intimidade da polaridade consciente-inconsciente necessita da atividade ritual para manter a discriminação na Consciência individual e coletiva, o que explica por que nas sociedades tribais, nas quais a dominância matriarcal é tão frequente, praticamente todas as atividades existenciais são expressas através de rituais.

### **O Arquétipo Patriarcal e a Posição Polarizada**

O Arquétipo Patriarcal é o arquétipo da organização e, portanto, privilegia as funções estruturantes da hierarquia, da ordem, da obrigação, da perfeição, da culpa e do poder. Seu modo característico de coordenar a polaridade Ego-Outro, e



também todas as outras polaridades, opera através da posição polarizada, por meio da qual um polo é dogmática e assimetricamente relacionado ao outro. A posição polarizada é mais abstrata do que a insular. Devido a seu alto nível de abstração simbólica, o Arquétipo Patriarcal pode organizar sistemas de polaridades inter-relacionadas. Esta capacidade de organização cria sistemas hierárquicos racionais, causais e logicamente compreensíveis, que conquistam e controlam a realidade em todas as dimensões simbólicas. Típico dos mitos solares e do monoteísmo, o Arquétipo Patriarcal fomenta o culto à tradição, à propriedade privada e à herança, aos valores dogmáticos e à causalidade racional.

Como todos os outros arquétipos, o Arquétipo Patriarcal é também bipolar e pode ser tipologicamente dominante tanto na personalidade do homem quanto na da mulher. Embora negado por nossa tradição patriarcal dominante, hoje fica bastante claro, através da conquista de direitos civis e do Processo de Individuação de homens e mulheres, que existem mulheres com dominância tipológica patriarcal e homens com dominância matriarcal. Como sempre, a educação e as identificações primárias influenciam esta tipologia, mas é difícil negar uma tendência tipológica arquetípica. Pelo fato de estas tipologias não serem ainda politicamente corretas (especialmente a dominância matriarcal nos homens), estas pessoas ficam propensas a um desajuste social por falta de modelos de pessoas admiradas e bem sucedidas que propiciem Personas para a formação da identidade com adequação social.

A dominância do Arquétipo Patriarcal favoreceu a formação de reinos e impérios que ocuparam a Terra, a dominação da natureza e a delimitação das fronteiras das nações modernas (Perry, 1966). Sua capacidade de construção de sistemas - inerente às abstrações e inter-relação dos opostos polarizados - contribuiu para a classificação da Matemática, da Geografia, da Química e de todas as organizações socioeconômicas modernas, inclusive do sistema binário dos computadores.

Encontramos a dominância do Arquétipo Patriarcal e da posição polarizada no espectro da contenção e da organização, que se expressa defensivamente nas

neuroses de controle-organização e repressão, sendo um dos seus exemplos extremos o transtorno obsessivo-compulsivo (Byington, 1996a). Ele está presente também na repressão organizada da anorexia nervosa e do sadomasoquismo, bem como na psicopatia centrada no sadismo originado nas defesas opressivas e repressivas. Nós o encontramos ainda em desordens depressivas e na ansiedade. Não podemos esquecer que os quatro arquétipos regentes estão sempre presentes na elaboração simbólica normal e defensiva, embora em diferentes combinações, as quais frequentemente fazem com que uma delas seja predominante (Byington, 1987).

Na posição polarizada, o Ego e o Outro coexistem em estados psíquicos organizados para expressar os polos das polaridades **exclusivamente em oposição**, sendo, por isso, normalmente maniqueísta. O amor e o ódio, o certo e o errado, por exemplo, convivem como opostos de forma codificada e organizada, dentro de um todo que é racionalmente coerente e propício ao raciocínio dogmático maniqueísta, o qual faz da causalidade racional e da probabilidade seus princípios dominantes. O Ego pode amar e odiar, errar e acertar, mas tudo está determinado no seu quem, como e quando. A posição polarizada é vivenciada de forma ternária e, por isso, possui abstração maior que a posição insular, que é binária. Descrevo a posição polarizada como ternária porque o Ego lida com polaridades estabelecidas formando triângulos dogmáticos - sabe de antemão o que é certo e errado, bem e mal, correto e incorreto - e, portanto, considera as polaridades sempre separadas como, por exemplo, pai e mãe no Complexo Parental. Esta posição é característica do estado de Consciência autocrático, como ocorre em formas monárquicas de governo e nas religiões monoteístas. Ela corresponde aos mitos solares ou à Consciência Patriarcal descrita por Erich Neumann (1949) e é a posição que, na sua forma passiva, forma a identidade do Ego e do Outro na segunda infância, especialmente por intermédio da função estruturante triangular do Complexo Parental, descrito defensivamente como incestuoso e parricida no Complexo de Édipo da Psicanálise.

### **O Arquétipo da Alteridade e a Posição Dialética**

O Arquétipo da Alteridade inclui a fenomenologia dos arquétipos da *Anima* (no homem) e do *Animus* (na mulher), descritos por Jung e aqui concebidos como bipolares (Byington, 1986a). Jung percebeu em parte estas características dos arquétipos da *Anima* e do *Animus*, quando os descreveu como arquétipos mediadores da polaridade consciente-inconsciente (Jung, 1941/1944/1951/1955). O Arquétipo da Alteridade é o arquétipo que propicia à Consciência o encontro dialético dos opostos, através do qual a elaboração simbólica pode alcançar sua capacidade plena. Dialética aqui significa que os polos de todas as polaridades podem se relacionar em oposição, mas também em harmonia, dependendo do contexto. Trata-se da relação de um encontro pleno entre o Ego e o Outro, no qual os símbolos podem ser elaborados até o máximo de seu potencial metafórico, e portanto necessitam a extensão plena da elaboração simbólica permitida pelo princípio da sincronicidade. Ela só pode existir num grau de abstração maior que as três posições anteriores. Digo que esta posição é quaternária porque todos os opostos podem ser decompostos em novas polaridades, como por exemplo no caso da polaridade Ego-Outro, na qual o Ego pode perceber a sua Sombra tanto quanto a Sombra do Outro e vice-versa, e em todas as polaridades Outro-Outro, nas quais o Ego não está incluindo para formar a polaridade Ego-Outro, como, por exemplo, nas polaridades sol-lua, guerra-paz e Vida-Morte.

A posição dialética é capaz de perceber e operacionalizar significativamente as variações dos mecanismos de múltiplo retorno entre quaisquer sistemas de polaridades. Portanto, a posição dialética é também sempre sistêmica. Esta maior abstração, desapego e abertura permitem à posição dialética incluir características de intimidade entre o Ego e o Outro, que estão presentes na posição insular regida pelo Arquétipo Matriarcal, e características de permanência e coerência, da posição polarizada coordenada pelo Arquétipo Patriarcal. Assim, a posição dialética se torna capaz de administrar o encontro pleno de todos os opostos. Um de seus aspectos principais é a combinação dialética de todas as polaridades, incluindo as polaridades arquetípicas Matriarcal e Patriarcal e a principal polaridade do Arquétipo Central que é a polaridade Vida-Morte.

Pelo fato de o Arquétipo da Alteridade favorecer o relacionamento entre os opostos numa tal amplitude de significados que um polo pode expressar até mesmo os significados habituais de seu contra-polo, o Arquétipo da Alteridade é o arquétipo do paradoxo. Tomemos, por exemplo, a representação de Cristo no altar das Igrejas Ortodoxas Gregas entre as letras *alpha* e *omega* e a denominação *pantokrator*, que significa “Todo Poderoso”. Isto é um paradoxo porque *alpha* e *omega* são termos completamente opostos e ainda assim são empregados juntos para expressar a mesma coisa, a totalidade de Cristo. Matriarcalmente, chamar Cristo de pequeno parece um insulto, e patriarcalmente, se o consideramos grande, chamá-Lo de pequeno é uma incoerência. Por isso, para expressar tudo aquilo que o símbolo do Cristo representa, necessitamos do paradoxo e da posição dialética de alteridade.

Para compreender a fraqueza humana e a natureza do pecado, o Salvador tem que ser suficientemente humilde e sensível, tem que ser *alpha*. Apenas sendo infinitamente pequeno, pode o Salvador ser *omega*, absolutamente grande. Ele tem que ser *alpha* de modo a ser *omega*. Ele precisa ser verdadeiramente grande como *omega* para ter a compaixão infinita pelo pequeno e poder compreender e aceitar o sofrimento, a doença, o abandono, a impotência, o desamparo, a feiura, o crime, o pecado, a traição e a morte. É descendo a um nível tão inferior e pequeno que Ele se torna absolutamente grande. Exercido em seu mais alto grau, o Arquétipo da Alteridade é capaz de expressar a dialética dos opostos com tal riqueza de significados, que pode até mesmo se utilizar da lógica profunda do paradoxo para expressar a verdade.

O Arquétipo da Alteridade, através da posição dialética da Consciência, opera de acordo com o princípio da sincronicidade e é dominante nas mais altas diferenciações da Consciência humana e da civilização, o que propicia o desenvolvimento da ciência, da arte, do amor, da ecologia, da imunologia, da Psicologia Analítica e da democracia. A posição dialética é também predominante no processo de Imaginação Ativa descrito por Jung, no método pedagógico construtivista professor-aluno descrito por Piaget e em muitas filosofias, tais como aquelas de Heráclito, Hegel e Whitehead. Nos postulados filosóficos e religiosos de diferentes culturas, o Arquétipo da Alteridade e a posição dialética são inerentes à

Religião Yorubá-Nagô, ao Hinduísmo, Tantrismo, Budismo, Taoísmo e Confucionismo, o qual permeia o *I Ching, O Livro das Mutações* (Byington, 1996a).

O Arquétipo da Alteridade se torna dominante na Psicopatologia sempre que o distúrbio da elaboração do encontro dialético se apresenta como um fator central. Isto é observado, individualmente, na criatividade bloqueada, no desencontro amoroso e na frustração vocacional, ou coletivamente, na democracia corrupta, guerreira e demagógica, ou ainda na natureza, pelos distúrbios ecológicos provocados em nome do progresso científico-industrial.

### **O Arquétipo da Totalidade e a Posição Contemplativa**

O Arquétipo da Totalidade patrocina o contato direto com experiências de totalidade através da posição contemplativa. Todos os arquétipos expressam o Arquétipo Central do Self através de suas incontáveis imagens e formas de expressão, mas o Arquétipo da Totalidade foi destacado no quatérnio arquetípico regente para expressar diretamente o aspecto de totalidade do Arquétipo Central através da posição contemplativa. Assim como ocorre com a posição dialética, a causalidade também é insuficiente para expressar a posição contemplativa, que opera predominantemente através do princípio de sincronicidade. Descrito por Jung (1952) como uma ocorrência imprevisível, o princípio da sincronicidade é considerado na Psicologia Simbólica o princípio básico para elaboração simbólica coordenado pelos Arquétipos da Alteridade e da Totalidade. O princípio da sincronicidade é aqui concebido como a função estruturante do encontro na iniciação, revelação, salvação e iluminação. A posição contemplativa, que expressa o Arquétipo da Totalidade, relaciona a polaridade Ego-Outro de forma tão abstrata e com seus limites tão esmaecidos que propicia extraordinariamente a experiência de totalidade. A contemplação da totalidade e especialmente do vazio “pleno” na meditação dilui as fronteiras entre as polaridades Ego-Outro e Outro-Outro e os reúne intimamente na unidade.

A posição contemplativa favorece a *gestalt* de inteireza no processo de elaboração de todos os símbolos e propicia a expressão da função avaliadora como

auditora do processo existencial. A expressão defensiva do Arquétipo da Totalidade é dominante nas desordens psicopatológicas que têm relação com a totalidade. As defesas onipotentes e maníacas expressando grandiosidade são comuns, assim como o são as defesas niilistas, que permeiam muitos estados depressivos que conduzem ao desespero, seja em situações circunstanciais ou no próprio processo existencial. Especialmente grave pode ser a indiferença emocional encontrada nos estados depressivos severos, incluindo a depressão senil, que envolve a descrença na validade do processo de desenvolvimento do Ser à medida que a Morte se aproxima.

Na posição contemplativa, o Ego e o Outro são percebidos junto com as demais polaridades dentro da Vida em tal grau de abstração e desapego que para muitos sábios um estado sem Ego ou mesmo uma ausência de Consciência tem parecido possível. Trata-se do estado de Consciência de maior abstração no processo de elaboração simbólica, o que lhe confere uma característica unitária do Ego com o Cosmos. No Budismo, no Hinduísmo e no Taoísmo, esta posição é muito praticada nos rituais de meditação, junto com a posição dialética, sendo muitas vezes descrita pelos mestres, como “a Consciência sem Ego”. É evidente que o Ego continua a existir, mas é percebido junto com o Outro no processo Cósmico num grau tão extremo de proximidade que o limite Ego-Outro se desvanece dentro da unidade, daí a aparente inexistência da Consciência e do Ego.

A sequência destas cinco posições arquetípicas Ego-Outro durante o processo de elaboração simbólica faz-nos lembrar o axioma da alquimista Maria Profetisa sobre o *opus* alquímico: “o um se torna dois, o dois se torna três e o três se torna quatro, que é novamente o um”. O indiviso se torna insular, o insular se torna polarizado, o polarizado se torna dialético, o dialético se torna contemplativo, que novamente se reúne ao Todo, desta vez de forma consciente.

### **As Atitudes Passiva e Ativa e as Posições Ego-Outro**

Cada uma das cinco posições arquetípicas da polaridade Ego-Outro acima descritas geralmente começa a ser exercida na elaboração simbólica tendo o Ego numa atitude passiva e o Outro numa atitude ativa. Com o desenrolar do processo,

estas atitudes do Ego e do Outro tendem a se inverter. Os símbolos e a função estruturante da alimentação são um bom exemplo na vida da criança. No mamar, o Ego da criança é incomparavelmente menos ativo que o Ego da mãe (o Outro), dona do seio ou da mamadeira. Durante toda a vida, esta atitude tenderá a ir se invertendo para tornar o Ego cada vez mais agente da função de alimentação. Inicialmente, a criança chupa o dedo, ou um paninho, ou um brinquedo como objetos de transição; um dia dará mamadeira às bonecas, aprenderá a fazer brigadeiros e, bem mais tarde, dará de mamar ao seu próprio neném ou se tornará uma famosa cozinheira. O mesmo ocorre no aprendizado. De início o aluno sabe pouco e o professor é o detentor do saber. Durante a vida, o exercício da função estruturante do aprendizado tenderá a tornar o Ego do aluno cada vez mais determinante (Byington, 1996a). A passagem de uma atitude passiva para uma ativa é proporcional à integração dos significados simbólicos na formação da identidade da polaridade Ego-Outro. A dominância de certas posições da Consciência e seus arquétipos correspondentes são elaborados predominantemente de forma passiva em certas fases da vida e de forma predominantemente ativa em outras.

As atitudes passiva e ativa do Ego na elaboração simbólica estão sempre presentes em maior ou menor grau. O quadro abaixo representa **dominâncias genéricas** nas etapas da vida, o que não impede as variações circunstanciais, individuais e culturais. A posição indiferenciada ativa crescente na vida adulta significa que o Ego adquire cada vez mais a capacidade para entrar ativamente em novas elaborações das discriminações que já conquistou e reiniciar a elaboração pela indiscriminação. Com isso conquistará a sabedoria para afirmar, com Voltaire, “só sei que nada sei”.

<b>As Seis Fases da Vida e as Posições Arquétípicas da Relação Ego-Outro</b>						
<b>ATITUDES</b>						
	<b>1ª Infância</b>	<b>2ª Infância</b>	<b>Adolescência</b>	<b>Vida Adulta</b>	<b>Maturidade</b>	<b>Velhice</b>
<b>Indiferenciada</b>	Passiva +++	Passiva ++	Passiva ++	Ativa +	Ativa ++	Ativa +++
<b>Insular</b>	Passiva +++	Passiva ++	Ativa +	Ativa +++	Ativa ++	Passiva +
<b>Polarizada</b>	Passiva ++	Ativa ++	Ativa +	Ativa +++	Ativa ++	Passiva +

<b>Dialética</b>	Passiva +	Passiva +	Passiva ++	Ativa ++	Ativa +++	Ativa ++
<b>Contemplativa</b>	Passiva +	Passiva +	Passiva ++	Ativa +	Ativa ++	Ativa +++

---

## As Etapas da Vida e as Posições Ego-Outro

Por serem etapas do processo de elaboração simbólica para a formação e transformação da identidade do Ego e do Outro, as posições arquetípicas Ego-Outro fazem parte da elaboração de todos os símbolos e funções estruturantes. O período de elaboração de um símbolo estruturante pode durar horas, dias, meses, anos, décadas ou toda uma vida, como é o caso dos Complexos Paterno, Materno e Parental, com seus incontáveis significados. É fato conhecido que, somente quando passamos à **posição ativa** de pais e até avós, é que podemos complementar a elaboração de muitos dos símbolos que vivemos com nossos pais e avós na **posição passiva** durante nossa infância. Há um relativo domínio de certas posições arquetípicas Ego-Outro em suas atitudes ativa ou passiva durante as fases da vida, mas que não impede todas as posições de participarem de cada uma delas. O Complexo Parental, por exemplo, é elaborado predominantemente de forma passiva na infância, continua sendo elaborado de forma relativamente ativa na adolescência e de modo predominantemente mais ativo na vida adulta. Às vezes, chegamos à posição contemplativa com determinados símbolos estruturantes relativamente bem elaborados, mas quando encontramos os mesmos símbolos ativados em certos contextos extraordinários, podemos ter que recomeçar sua elaboração a partir de uma posição indiferenciada. É o caso dos relacionamentos amorosos, ou do nascimento de um segundo, terceiro ou quarto filho, por exemplo. O mesmo ocorre com o trabalho criativo.

É facilmente comprovável que determinadas posições Ego-Outro contribuem de forma dominante na formação da identidade do Ego e do Outro nas seis etapas da vida: primeira e segunda infância, adolescência, idade adulta, maturidade e velhice. Para tanto, podemos cotejar as principais etapas simbólico-arquetípicas do desenvolvimento da personalidade com determinadas posições arquetípicas da relação Ego-Outro nas suas atitudes passiva e ativa. Exemplificarei a seguir, de forma sucinta, as diferentes posições arquetípicas Ego-Outro durante os estágios da vida, para dar uma ideia da dominância arquetípica associada às posições Ego-



Outro e à polaridade passivo-ativo na formação da Consciência e na Psicologia Simbólica.

### **A Diferenciação da Consciência do Bebê**

De forma sumaríssima, podemos dizer que o período inicial do desenvolvimento psíquico é dominado pela posição indiferenciada, o “estágio urobórico” de Neumann, embora algum grau de atividade do Ego já possa ser detectada desde o início (Jacoby, 1985). Aos poucos, no primeiro ano de vida, surge a presença significativa da posição insular passiva (a dominância matriarcal de Neumann) e, até mesmo, da posição polarizada passiva, no caso da orientação pediátrica ser predominantemente patriarcal. A posição indiferenciada continuará muito importante durante toda a vida e tenderá a ser dominante no início de cada nova elaboração simbólica. O segundo e o terceiro ano caracterizam-se pela dominância da posição insular passiva, que começa a apresentar de forma crescente também a atitude ativa. A posição insular, aqui, nos anos futuros até a adolescência e, mesmo depois, será a grande responsável pela formação das identificações primárias (identificações diádicas) do Ego e do Outro, que emergem pelo relacionamento direto com as figuras mais significativas do convívio íntimo, sejam elas os pais, tios, avós, irmãos, primos, amigos e empregados **tanto no nível literal quanto no metafórico** (Neumann, 1955), ou seja, há uma identificação com o que eles objetivamente são, mas também com o que eles representam subjetivamente na fantasia da criança. **A realidade simbólica, seja ela puramente fantasia ou mistura com a realidade objetiva, contribui para formar a identidade, tanto ou mais que a realidade exclusivamente objetiva.** Assim, nos primórdios da vida, a fantasia e a função estruturante da vidência, da telepatia e da mediunidade podem já ter um papel de destaque na apreensão das características psíquicas dentro do Self Familiar, que caracteriza o ecossistema psicológico do bebê. Às vezes, a identidade é formada desde cedo, na posição insular, por intermédio do ideal dos pais, uma identificação com membros da família já falecidos, mas de grande significado na árvore genealógica devido ao papel que desempenham na fantasia da família. Da mesma forma a identidade emerge nas experiências diretas com as imagens de líderes políticos ou religiosos, admirados e cultuados pela família, ou,

mais tarde, pela comunidade. É da maior importância para a Psicopatologia se dar conta que os mecanismos de defesa são estratégias, que podem expressar a identidade Ego-Outro na Sombra desde muito cedo, **através das identificações primárias com as defesas dos pais**. Estas defesas, que podem ser baixa autoestima, onipotência, adições, defesas fóbicas, depressivas ou paranoides, são especialmente difíceis de serem elaboradas na terapia porque parecem absolutamente naturais para o paciente. Na Psiquiatria de hoje, biologicamente orientada, que tende a considerar os sintomas exclusivamente através da herança genética, estas defesas parecem hereditárias, porque as crianças frequentemente reproduzem de modo bastante literal os sintomas e as defesas do pai ou da mãe. Quando estas características dos pais parecem negativas aos olhos dos filhos, estes podem adotar uma posição defensiva reativa para encobrir sua identificação primária defensiva.

A ideia da diferenciação do Ego durante seu desenvolvimento não deve equivaler a tornar-se diferente dos relacionamentos primários. Ao contrário; como a identidade é formada com ingredientes provenientes das relações primárias, estas características podem ser integradas à essência da personalidade. Temos que lembrar que o Ego da criança emerge através da experiência simbólica, a qual contém a Psique da criança e seu entorno em um estado predominantemente indiferenciado. A diferenciação do Ego, portanto, ocorre através das identificações formadas durante os estágios primários. Se, no entanto, estas identificações são defensivas e formam a identidade Ego-Outro na Sombra da criança, seu confronto e elaboração farão parte do desenvolvimento psicológico durante a vida. Em tais casos a nova geração deve confrontar uma Sombra que foi formada há uma ou mais gerações.

### **Do Terceiro Ano à Puberdade**

As identificações insulares ou primárias já têm um papel muito importante no estabelecimento de limites, simplesmente por formarem o Ego e o não-Ego (o Outro) na primeira infância. A vivência da fome e da saciedade, do prazer e do desprazer, e mais tarde, a regulamentação esfinteriana, por exemplo, têm papel

central no estabelecimento natural dos limites e da força do Ego para agüentar frustrações (dominância matriarcal de Neumann).

Lado a lado com a posição insular que continua na atitude passiva, mas que cresce paulatinamente em direção a uma atitude mais ativa, estabelece-se a presença importante da posição polarizada passiva através do modelo triádico de relacionamento parental na segunda infância (dominância patriarcal, de Neumann). O Complexo Parental vivenciado como função estruturante pelo símbolo da “cena primária”, percebida arquetipicamente, não é necessariamente sexual, mas antes uma experiência importante do elo íntimo entre os pais. Embora reduzida à sexualidade pela Psicanálise, a “cena primária” é a expressão, para a criança, do modelo triádico de relacionamento polarizado dos opostos através da interação psicológica entre a mãe e o pai. A intensidade da posição polarizada depende muito da intensidade de ativação do Arquétipo Patriarcal na família e na sociedade em questão. A posição polarizada passiva na infância foi descrita por Freud como o Complexo de Édipo “normal”, por ele considerado o principal símbolo estruturante da personalidade, através das tendências incestuosa e parricida.

A Psicologia Simbólica considera as funções estruturantes criativas da afetividade e da agressividade essenciais para a elaboração de todos os símbolos, inclusive do Complexo Parental. Isto, no entanto, não significa considerar as tendências incestuosa e parricida como normais, principalmente quando elas se tornam intensas e crônicas. Como veremos melhor adiante, a Psicologia Simbólica considera defensivas a afetividade e a agressividade expressas no Mito de Édipo através do incesto e do parricídio e, por isso, não pode considerar o Complexo de Édipo o modelo para o desenvolvimento normal da personalidade, como concebeu Freud.

A posição polarizada é caracterizada como passiva no Complexo Parental durante a infância porque os pais têm o papel predominantemente ativo na elaboração simbólica. Durante a adolescência inicia-se a inversão que continua na vida adulta quando as pessoas casam e se tornam pais. Nestas experiências a personalidade posteriormente elabora seu Complexo Parental numa atitude cada vez mais predominantemente ativa dentro da posição polarizada.

Frequentemente, a criança tem sua primeira experiência de Morte durante a segunda infância. Um animal doméstico, um parente idoso, um vizinho, um parente de um colega, jornais, TV, um filme, talvez, e a Morte é descoberta. A elaboração ativa e passiva do símbolo e da função estruturantes da Morte e do próprio Arquétipo da Vida e da Morte a partir de então passam a ser de fundamental importância para moldar a identidade e os limites da polaridade Ego-Outro. Não é correto rotular uma fixação neste ponto como sendo exclusivamente narcisista, como, por exemplo, no sentido empregado por Kohut de Ego grandioso ou depressivo (Kohut, 1977). Assim, tal consideração unilateral, que permeia o pensamento e a literatura psicanalítica desde o primeiro artigo de Freud sobre o narcisismo (Freud, 1914), infringe o princípio das polaridades, que Jung e Kohut descreveram, mas que não sistematizaram inteiramente, como me propus fazer na Psicologia Simbólica (Byington, 1990). Quando sistematizamos permanentemente a bipolaridade durante todo o desenvolvimento psicológico e durante o processo de elaboração simbólica, vemos o narcisismo e o ecoísmo operando lado a lado criativa e defensivamente junto a todas as demais polaridades, tais como introversão-extroversão, introjeção-projeção, Ego-Outro, e o Arquétipo da Vida e da Morte. Quando a criança começa a participar conscientemente na elaboração da Morte, o narcisismo pode apontar para sua própria Morte e o ecoísmo para a Morte de um ente querido em sua vida, como por exemplo, sua mãe ou seu pai. Nem o narcisismo nem o ecoísmo são primários, pois ambos participam igualmente no desenvolvimento simbólico. Esta participação, no entanto, não é simultânea, pois os polos podem ser dominantes em momentos e estágios diferentes e ser complementados posteriormente pelo outro polo para contribuir para o automorfismo descrito por Neumann.

Uma das principais consequências da ação da posição polarizada passiva na infância é a aprendizagem do desapego à posição insular, que acompanha o desenvolvimento da ambulação, do controle esfíncteriano e da fala. Através do Complexo Parental e das bem estabelecidas polaridades, a posição polarizada passa a atuar como um condicionador da tríade predominantemente racional e verbal, que se impõe à posição diádica insular, predominantemente emocional,

física e não-verbal. A forma insular ou matriarcal de relacionamento é limitada pelo desapego através de uma capacidade de abstração da forma diádica polarizada ou patriarcal. As identificações primárias ou diádicas insulares são expostas às identificações polarizadas, nas quais o Ego se transforma em função de uma polaridade (pai-mãe ou outra qualquer) cujo **vínculo entre os polos** é tão importante quanto o relacionamento entre o Ego e cada polo. Este **vínculo**, assim como as características do relacionamento entre pai e mãe, no Complexo Parental, ou entre todas as polaridades, é um fator essencial na formação da identidade triádica polarizada. A função estruturante narcisista-ecoísta modifica significativamente a elaboração simbólica quando esta passa do padrão diádico de elaboração para o padrão triádico. O relacionamento na posição polarizada ao mesmo tempo reúne e diferencia. Por exemplo, no caso de uma determinada mãe ser do tipo sentimento e o pai do tipo pensamento, o Ego do filho tende a aprender a inter-relacionar criativamente a afeição e o intelecto quando estes pais têm um relacionamento harmonioso. No entanto, quando estes pais, tipologicamente opostos, têm um relacionamento significativamente desarmonioso, o que inclui valores diferentes e falta de compreensão, o filho pode desenvolver uma severa fixação, dissociando pensamento e sentimento através de uma identificação triádica polarizada defensiva. Os diferentes papéis familiares, vivenciados dentro da posição polarizada passiva, passam todos a funcionar como uma fonte de identificações e de limites do Ego e do Outro.

### **As Identificações Primárias e as Identificações com o Vínculo do Complexo Parental**

A Psicologia Simbólica separa claramente a natureza diádica e ternária dos padrões de identificação durante o processo de elaboração simbólica baseada em diferenças arquetípicas entre a posição insular (dominância matriarcal) e a posição polarizada (dominância patriarcal). Para a Psicologia Simbólica, isto é fundamental, pois trata-se de diferenciar a posição insular (Arquétipo Matriarcal) e a posição polarizada (Arquétipo Patriarcal) na formação da identidade. De fato, para a Psicologia Simbólica, as identificações primárias não são triádicas, pelo fato de não ocorrerem dentro do triângulo estruturante do Complexo Parental. Dentro desta

perspectiva, as identificações primárias seriam pré-edípicas na teoria psicanalítica, pois ocorrem dentro da posição insular binária que expressa o Arquétipo Matriarcal. Identificações que são estruturadas pelo Complexo Parental, composto pelo casal parental, ou por outra díade qualquer, como a polaridade seio-mamilo, ocorrem dentro da posição polarizada ternária expressiva do Arquétipo Patriarcal (o triângulo edípico da Psicanálise).

A diferenciação entre as identificações insulares e parentais é muito importante para a compreensão tanto do desenvolvimento normal, quanto da formação das defesas que darão origem aos quadros patológicos. É que o vínculo na identificação insular, pelo fato de ser binário, é direto. Já o vínculo da identificação parental, pelo fato de ocorrer dentro de uma posição polarizada, que é ternária, estabelece sempre um relacionamento a três. Este fato enfatiza muito a importância estruturante da relação existencial entre o pai e a mãe, na realidade e na fantasia da criança, além da importância óbvia de suas personalidades separadas.

A relação parental que forma o Superego e regula a afetividade e a agressão (o incesto e o parricídio na Psicanálise), percebida arquetipicamente dentro da posição polarizada passiva, passa a ser compreendida como uma relação ternária estruturante que fomenta a integração polar das funções estruturantes da afetividade e da agressividade com outras polaridades. Esta integração estabelece uma referência para elaborar frustrações, o que é indispensável para a formação do caráter e para a participação da função estruturante da Ética no processo de elaboração simbólica.

É importante registrar que a codificação do **sim** e do **não**, que forma a conduta ética do indivíduo e da sociedade, não depende exclusivamente da posição polarizada característica do Arquétipo Patriarcal. A dominância da posição insular e do Arquétipo Matriarcal na elaboração simbólica também estrutura a relação Ego-Outro com o **sim** e o **não** para formar a Consciência Ética, só que o faz muito mais pela imitação e pelo costume do que pela obediência a princípios legais abstratos, como tende a ocorrer na posição polarizada patrocinada pelo Arquétipo Patriarcal. É

importante lembrar aqui que o código de parentesco e o tabu, que limitam o incesto e permitem o casamento entre primos cruzados em inúmeras sociedades tribais, provavelmente formou-se através de milênios e impôs-se paulatinamente pelos costumes coordenados geralmente pela dominância da posição insular e da dinâmica matriarcal. Como muitas sociedades tribais com dominância matriarcal mostram hoje, os padrões de casamento não são explicados causalmente nem racionalmente justificados, seguindo antes o costume e a tradição.

### **A Puberdade e a Crise da Adolescência**

Com a maturação das gônadas, ativam-se intensamente os Arquétipos da *Anima* no rapaz e do *Animus* na jovem, ou seja, intensificam-se o Arquétipo da Alteridade e a posição dialética, nesta fase, predominantemente na atitude passiva. A Crise da Adolescência submete as identificações insulares e parentais e os complexos a uma nova pressão transformadora em função da entrada em cena do Arquétipo da Alteridade (*Anima* e *Animus*), que lançará na personalidade a semente da convocação para a campanha de construção da identidade profunda e única, que Jung descreveu como o Processo de Individuação na segunda metade da vida. O Arquétipo da Alteridade fomentará o encontro Ego-Outro, para além do Self Familiar, no Self Social e Cultural. A adolescência experimentará a dominância do Arquétipo da Alteridade na atitude passiva porque o jovem, sem o perceber, se verá envolvido por uma dimensão social heroica, sexual, tentadora, desafiadora e fascinante que ele não escolheu. Somente muito mais tarde – na segunda metade da vida – este arquétipo será mais intensamente vivenciado, junto com o Arquétipo do Herói, na atitude ativa, na qual a pessoa, agora sim, poderá escolher criativamente novas e profundas opções existenciais. Por esta razão, pode-se considerar esta fase como uma segunda adolescência. Pelo fato de o dinamismo de alteridade ser quaternário, sua pressão estruturante força a elaboração simbólica profunda, que conduz as identificações insulares e parentais a um afastamento da posição passiva rumo a uma posição ativa para uma elaboração simbólica muito mais rica e complexa. Acompanhando a ativação do Arquétipo da Alteridade na atitude passiva, as posições insulares e polarizadas são forçadas a aumentar seu desempenho na atitude ativa. O Complexo Parental vivido de forma passiva na

infância, se transforma na adolescência com o padrão de alteridade através do desapego, configurando uma verdadeira morte simbólica dos pais. O Complexo Parental renascerá simbolicamente na vida adulta de forma ativa, não só com características individuais, mas também coletivas, pois expressará características adquiridas na nova geração como consequência da adolescência das gerações passadas.

A Psicologia Simbólica caracteriza a Crise da Adolescência como um grande marco no desenvolvimento simbólico arquetípico da personalidade, que será reintensificado outra vez na metanóia ou crise do meio da vida, como descreveu Jung. Na Crise da Adolescência, o Arquétipo da Alteridade (expresso pelos arquétipos da *Anima* e do *Animus*) agirá como guia para diferenciar o jovem de sua família e de sua identidade infantil. A metanóia é a segunda adolescência. É a crise da metade da vida, continuando a diferenciação, desta vez na atitude ativa, das normas individuais das coletivas. A grande diferença entre estas duas fases é que, na Adolescência, a posição dialética e o Arquétipo da Alteridade predominam na elaboração simbólica numa atitude predominantemente passiva, enquanto que, na crise dos quarenta, eles ressurgem numa atitude predominantemente ativa, na qual o Ego, como nunca antes, tende a escolher como participar profissional, afetiva, política e existencialmente no Processo de Humanização.

A identidade do Ego e do Outro e de toda a personalidade entram em crise na adolescência porque o chamado para a construção da identidade individual profunda entra em choque com as identificações primárias e parentais estabelecidas durante a infância por intermédio dos modelos tradicionais. A fase de latência pré-púbere descrita pela Psicanálise e que se caracteriza pela acomodação sócio familiar das identificações primárias e parentais, a partir da puberdade será sacudida por um terremoto hormonal e emocional. Esta grande crise, que intermedia a infância e a idade adulta, inclui dois grandes eventos psíquicos. O primeiro é o desapego e a reelaboração das identificações formadas na infância. O segundo é a intensificação das características da identidade individual profunda. Assim, o primeiro se expressará essencialmente pela contestação e perda, e o segundo pela criatividade e inovação. A patota adolescente é um “exército” organizado para



empreender a implantação dessas inovações em duas frentes. No nível coletivo, ela empunhará a bandeira revolucionária do novo contra o velho, da inovação contra a tradição, do *puer* contra o *senex*. No nível individual, a luta se dará entre as identificações tradicionais formadas na infância e as características da identidade profunda emergentes nas escolhas amorosas e nas revolucionárias vocações profissionais, políticas, religiosas, existenciais enfim. Essas funções estruturantes são fontes de intensa diferenciação da individualidade. Sua existência, porém, é relativa e não significa que elas sempre consigam seus propósitos. O apego à indiferenciação, às identificações primárias e parentais forma condicionamentos que permanentemente resistem à luta criativa para conseguir a diferenciação crescente da personalidade e da cultura.

A grande limitação do conceito de Jung do Processo de Individuação é sua ênfase unilateral no desenvolvimento individual às expensas do coletivo. É verdade, como Jung descreve, que os indivíduos constroem sua identidade profunda através de sua diferenciação do coletivo. O que Jung não considerou devidamente é que a Consciência Coletiva se desenvolve através dos mesmos arquétipos, de modo paralelo à Consciência Individual. É difícil imaginar que Jung pudesse vivenciar e descrever o Processo de Individuação em um país que não fosse tão democrático como a Suíça. É por isso que a Psicologia Simbólica dá uma ênfase tão grande à importância do Arquétipo da Alteridade (que inclui também os arquétipos da *Anima* e do *Animus*) para descrever o desenvolvimento arquetípico comum do indivíduo e da cultura. Quando compreendemos este desenvolvimento arquetípico comum, propiciado pelo relacionamento dialético quaternário de todas as polaridades, coordenado pelo Arquétipo da Alteridade, entendemos que o ideal da socialdemocracia corresponde, no nível coletivo, ao ideal do Processo de Individuação no nível individual. Esta compreensão leva a Psicologia Simbólica a seguir Teilhard de Chardin e nomear o desenvolvimento da Consciência como o Processo de Humanização do Cosmos, que abarca o Processo de Individuação (Byington, 1998).

## **O Conflito entre Freud e Jung**

O principal conflito entre Freud e Jung foi reduzido por muitos pesquisadores ao nível pessoal do Complexo Parental. Jung, dezenove anos mais moço, foi durante cinco anos idealizado como o seguidor dileto de Freud. De acordo com muitos, seu crescimento teria motivado o conflito e a ruptura. Componentes parricidas-filicidas mal elaborados simbolicamente teriam atuado defensivamente para destruir a relação. Há pesquisadores que favorecem Freud qualificando Jung de imaturo e “parricida”, e há os que favorecem Jung, imputando a Freud o “filicídio” simbólico de seus seguidores mais criativos, como Jung e Adler, ilustrado pela fantasia de *Totem e Tabu* (Freud, 1911). Concordo que elementos de seus Complexos Parentais praticamente não analisados e pobremente elaborados possam ter desempenhado papel importante no conflito e na ruptura. Contudo, mesmo presentes, estes componentes não explicam a discrepância arquetípica principal em suas teorias. As diferentes posições arquetípicas Ego-Outro que expressaram suas teorias explicam isto melhor. A posição polarizada e a predominância do Arquétipo Patriarcal na teoria de Freud são bastante evidentes (Neumann, 1956), bem como a dominância da posição dialética e do Arquétipo da Alteridade na obra de Jung. Isto explica também por que o desenvolvimento na obra de Freud se concentrou na infância e, na de Jung, na segunda metade da vida.

A Crise da Adolescência, dominada pela posição dialética e pelo Arquétipo da Alteridade, estabelece um novo padrão muito diferente para a interação Ego-Outro e para todas as demais polaridades. A posição dialética tem maior capacidade de desenvolvimento simbólico devido exatamente ao seu funcionamento quaternário. Este inter-relacionamento quaternário das polaridades ocorre dentro dos sistemas de múltiplo *feedback*, que transcendem a causalidade e podem ser compreendidos apenas através do princípio da sincronicidade. A identidade Ego-Outro deve estar bem estabelecida para poder vivenciar esta posição. Não é coincidência que distúrbios psicológicos graves como o início de quadros obsessivos-compulsivos, distúrbios alimentares, adições e esquizofrenia sejam tão comuns na adolescência. Uma explicação para isto é a sobrecarga colocada sobre a identidade Ego-Outro pela constelação dominante dos Arquétipos da *Anima* e do *Animus*, isto é, do Arquétipo da Alteridade. É importante lembrar aqui que Jung descreveu o quaternário como um importante símbolo da totalidade do Self. Pelo fato

de ter setorizado o conceito de arquétipo exclusivamente no “inconsciente”, Jung não se deu conta que o padrão quaternário de elaboração simbólica da posição dialética é a expressão máxima da capacidade produtiva do relacionamento Ego-Outro na Consciência. Este padrão quaternário de capacidade máxima de produtividade pode funcionar para o bem ou para o mal. Quando as fixações são significativas, a Sombra pode conduzir a crise de desenvolvimento normal da adolescência à patologia. A alteridade é o padrão arquetípico da democracia, do amor, da criatividade artística e científica (Byington, 1992). Quando o Ego pesquisa algo cientificamente, admite de antemão que sua opinião, ou seja, seu relacionamento com o Outro, possa mudar radicalmente na direção da verdade. Nesse evento, o Ego de um cientista se entrega à pesquisa de forma tão absoluta que se sujeita inteiramente a morrer e a renascer na busca da verdade daquele determinado setor do conhecimento. Uma nova identidade e visão de mundo podem emergir e ser inteiramente diferentes daquelas que prevaleciam quando a pesquisa se iniciou. É este padrão de Consciência que emerge de forma passiva para o Ego na adolescência. Digo de forma passiva porque o Ego não busca exercê-lo ativamente, mas assim mesmo isto lhe acontece devido a uma constelação arquetípica. A Vida acontece para o adolescente. Este padrão de Consciência será constelado de forma ativa na segunda metade da vida, porque o Ego estará então muito mais preparado para ir ao encaicho do chamado profundo da Individuação.

Dividido entre a proteção da família e a vida social, a alteridade ocorre ao jovem sem que ele tenha qualquer ideia sobre sua existência. Quando um casal de adolescentes se apaixona, cada um mergulha no mistério da Vida impulsionado pelo Arquétipo da Alteridade e pode emergir desse mergulho com a identidade antiga bastante modificada. Começa a morrer a relação infantil com os pais. Começa a nascer a relação adulta com o mundo. O mergulho na Crise da Adolescência é tão profundo, que ele inclui abertura total para o Arquétipo Central, para o Arquétipo do Herói, do *Coniunctio* e para o Arquétipo da Vida e da Morte, que em casos extremos pode se expressar até mesmo por acidentes fatais. Esta morte simbólica de muitas identificações parentais propicia o início da lenta integração dos Arquétipos da *Anima* e do *Animus* junto com a incipiente aquisição da posição dialética do relacionamento Ego-Outro, que será um processo de vida. A vivência erótica e

agressiva, proibida e pouco produtiva na elaboração do Complexo Parental na infância, é agora permitida e estimulada pela dinâmica socialdemocrata. Com a intensificação da capacidade simbólica no padrão de alteridade, os adolescentes podem começar a comparar o amor parental com seus relacionamentos amorosos. Do mesmo modo, o equivalente ao “parricídio” através da desidealização parental pode ser simbolicamente levado avante pelo abandono das tradições e pela escolha de novos valores.

A concepção bipolar da *Anima* nos homens e do *Animus* nas mulheres, incluindo as polaridades ativo-passivo, delicado-rude, forte-fraco e sentimento-pensamento, é muito importante para compreendermos a função estruturante do Arquétipo da Alteridade na formação da identidade. Antes, e logo após a puberdade, há uma predominância da homoafetividade na *Anima* dos homens e no *Animus* das mulheres. Mais tarde, durante a adolescência, a tendência para a heteroafetividade aumenta gradualmente. A fixação no primeiro estágio homoafetivos da adolescência, que pode ativar as fixações insular ou parental da infância, é importante para compreendermos distúrbios de personalidade que apresentam homossexualidade defensiva. O fato de mencionarmos este exemplo de homossexualidade defensiva e patológica não invalida a existência de inúmeros casos de homossexualidade criativa e normal (Byington, 1986a).

Quando um rapaz se apaixona, ele pode um dia descobrir que está envolvido eroticamente com certas características da jovem que são iguais às de sua mãe. Pode se dar conta, até mesmo, que os ciúmes entre sua mãe e sua namorada, às vezes, decorrem mais da semelhança do que da diferença entre elas. O teto do quarto não desabará se, no meio das primeiras carícias íntimas, para espanto chocante de sua namorada, ele de repente chamá-la pelo nome de sua mãe. O mesmo pode acontecer com a jovem no relacionamento com seu namorado e com seu pai. Esta vivência incestuosa simbólica na adolescência, não só é necessária, quanto imprescindível para começar a elaborar a diferenciação dos Arquétipos da *Anima* e do *Animus* das figuras da mãe e do pai no Complexo Parental. Ao confundir e discriminar sua namorada de sua mãe, o jovem irá aperfeiçoando sua própria identidade. Assim, ele morrerá e matará, metaforicamente, ao deixar para trás

partes de sua identidade formadas na infância que estorvam a realização de sua identidade profunda. Através desse processo irá se transformando ou renascendo com outras características na sua identidade que melhor correspondem às combinações do seu potencial arquetípico único. O mesmo ocorre com a jovem. Um dos maiores problemas da adolescência é que, dentro da diferenciação da *Anima* e do *Animus* das identificações insulares e polarizadas ocorre o confronto com a Sombra já formada. Este confronto pode ser muito estressante e desencadear quadros psicopatológicos graves, já que o Arquétipo da Alteridade (*Anima* e *Animus*) favorece a formação da individualidade profunda através do chamado para a busca de totalidade. Esta jornada heroica, sem que o adolescente tenha a menor ideia a respeito da amplitude de seu significado, também inclui o confronto com a Sombra, suas fixações e defesas, uma parte crucial da jornada de autorrealização. Este confronto passivo com a Sombra no Self Individual, Familiar, Cultural, Planetário e Cósmico (Byington, 1996) é uma das duas principais razões pelas quais a crise da adolescência pode ser tão perigosa para a Vida. A outra é a já mencionada constelação da força revolucionária criativa do Arquétipo da Alteridade (*Anima* e *Animus*) junto com os Arquétipos do Herói e do *Coniunctio*, que também pode conduzir a experiências perigosas e até mesmo fatais.

### **Psicanálise, Incesto e Parricídio**

Um dos propósitos deste artigo é formular a hipótese que Freud descreveu o Instinto de Vida e o Instinto de Morte como os principais instintos da Psique e os manteve inexoravelmente separados dentro da dualidade porque considerou o Complexo de Édipo e todas as outras polaridades quase exclusivamente na posição polarizada do Arquétipo Patriarcal.

Na Psicanálise, o Processo de Individuação foi reduzido ao Complexo Parental chamado de Complexo de Édipo. Apesar do fato de Freud ter patologizado o Complexo Parental quando considerou necessariamente parricidas e incestuosas as tendências de afeto e de agressividade no âmago deste complexo, temos que admitir que na elaboração das identificações primárias e secundárias, as tendências ao incesto, ao matricídio e ao parricídio simbólicos, não importa quão

simbólicas elas sejam, têm que ser estritamente proibidas, devido à intensa literalidade que qualquer vivência simbólica carrega nesta fase de desenvolvimento do Ego. A proibição do incesto e do parricídio neste estágio mantém a afetividade e a agressividade polarizadas. Durante a formação dos Complexos Materno, Paterno e Parental, a Consciência não pode se guiar em nenhuma hipótese pela posição dialética de alteridade, na qual um “não” pode também ser um “sim”, dependendo das circunstâncias. A transcendência da posição polarizada na infância é extremamente perigosa para a polaridade Ego-Outro, pois pode trazer fixações intensas, geralmente com sérias consequências devido à tendência à literalização dos símbolos nesta fase da vida. Durante a formação do Ego na infância e a elaboração do incesto, do parricídio e do abandono (filicídio) literais ou metafóricos, **a dominância da posição polarizada é absolutamente necessária para evitar a vivência literal dos símbolos.** “Não” só pode significar “não”, e “sim” exclusivamente “sim”. Na verdade, esta é uma condição essencial da maior importância na infância para formar os limites estruturantes da identidade Ego-Outro que são a base do caráter.

A formulação de Jung acerca do incesto metafórico é baseada no Arquétipo da Alteridade e só pode ser aplicada na adolescência e depois dela. Se aplicado à infância, o conceito de incesto metafórico pode desastrosamente levar ao incesto concreto e conduzir a uma gravíssima fixação do Complexo Materno ou Paterno e terminar em psicose.

Esta centralização absoluta do Complexo Parental em sua obra foi possivelmente a razão principal que impediu Freud de transcender a posição polarizada do Arquétipo Patriarcal na infância e perceber a realidade psíquica também através das posições dialética e contemplativa na adolescência e no restante da vida. Para o gênio que foi, é surpreendente que Freud não tenha descrito o desenvolvimento posterior da personalidade na adolescência e no resto da vida. Sempre que encontramos este tipo de teoria unilateral limitada, temos que buscar fixações e defesas. É exatamente nesta descoberta monumental que Freud possivelmente atuou sua maior fixação e defesa. Isto pode explicar por que o Complexo Parental foi patologizado como Complexo de Édipo e tornou-se o centro

de sua obra. Podemos supor que ele enfatizou extraordinariamente e terminou o desenvolvimento psicológico no Complexo de Édipo porque estava ele próprio aí intensamente fixado. O que me faz supor esta possibilidade é o fato de Freud, quando descobriu genialmente as fantasias incestuosas e parricidas em seu Complexo Parental, não ter pensado simplesmente numa fixação neurótica, sem mais, sem ter racionalizado defensivamente e elaborado a partir da sua própria fixação neurótica uma teoria, segundo a qual, a fantasia incestuosa e parricida é normal em toda criança até atingir cinco anos, quando então deve ser reprimida para formar o Superego (Freud, 1923). Associando a descoberta do Complexo de Édipo em si próprio com o Complexo Parental psicótico de Édipo, Freud descreveu, a meu ver defensivamente, o Complexo Parental patológico como o *alfa* e o *omega* do desenvolvimento psicológico normal de toda criança. Com o raciocínio médico que tinha Freud, não é surpreendente que ele tenha inserido esta descoberta neurótica dentro da normalidade? Não somos compelidos a pensar que a formulação de tal complexo defensivo como o cerne do desenvolvimento normal foi uma imensa racionalização defensiva para suavizar o impacto da descoberta genial de sua própria neurose?

### **O Principal Viés da Psicanálise**

Uma das principais contribuições de Freud à Psicologia foi enfatizar a importância da posição polarizada na elaboração do Complexo Parental durante a formação da identidade na infância. Reduzir as posições de alteridade e totalidade e toda a dimensão psíquica a este complexo durante o resto da vida, no entanto, foi um imenso reducionismo defensivo. Além de reduzir o desenvolvimento psicológico ao Complexo Parental, a Psicanálise sofreu de um viés ainda maior, qual seja, considerar o Complexo Parental defensivo (Complexo de Édipo) como um modelo para o desenvolvimento normal.

Tentei mostrar nas páginas precedentes como as identificações primárias binárias da personalidade ocorrem na posição insular e são, portanto, diádicas, isto é, “pré-edípicas”. A Psicanálise não apenas considera a identificação polarizada ternária como primária, mas tem também um mito patológico para este modelo.

O Mito de Édipo é um mito da psicose e da psicopatia do Complexo Parental. Abandono e tentativa de filicídio contra o Príncipe Édipo são cometidos literalmente por seus pais, que continuam psicopaticamente a reinar como um casal amoroso, justo e inocente. A intensa fixação e as defesas que ocorrem na personalidade de Édipo conduzem ao parricídio, ao incesto e à psicose manifesta, com automutilação.

Descobrimo tendências neuróticas parricidas-incestuosas em sua própria personalidade, Freud as relativizou defensivamente, atribuindo-as também à criança normal até a idade de cinco anos. Toda criança se tornou um polimorfo-perverso e a repressão passou a ser uma necessidade natural no desenvolvimento normal para estruturar a moralidade. Todo o viés de dez mil anos de dominância cultural patriarcal repressiva foi, assim, cientificamente justificado. Desta maneira, a Psicanálise deu continuidade à dissociação patológica do Self Cultural do Ocidente levada a cabo pela patriarcalização defensiva do Cristianismo, baseada na doutrina do pecado original e levada a extremos pela Inquisição (Byington, 1991).

O Mito de Édipo é um mito da defesa patriarcal repressiva, razão pela qual foi bem-vindo pela sociedade ocidental como um modelo do desenvolvimento psicológico “normal”. Nossa cultura aceitou-o para descrever o desenvolvimento normal porque tal teoria “confirma” a natureza má de nossa espécie, uma racionalização puritana que esconde e justifica nossa patologia cultural (Byington, 1986). Esta deformação neurótica projetada defensivamente no Complexo Parental reforçou intensamente a repressão patriarcal, bem como a manutenção dos Instintos de Vida e de Morte e de todas as outras polaridades na posição polarizada na personalidade normal e na cultura. O resultado foi uma dissociação maciça das polaridades em todas as dimensões psíquicas, o que acompanhou a dissociação milenar patológica já presente defensivamente em nosso Mito de Criação (Byington, 2001). A Psique normal tornou-se parricida, incestuosa e dissociada como a “prova científica” da natureza má da humanidade, estabelecida mitológica e teologicamente na ideia da transgressão no Paraíso e do pecado original. A teoria psicanalítica “atuou” exuberantemente a Sombra da dissociação histórica do Self Cultural do Ocidente (Byington, 1986b).



Baseados na posição dialética, Jung e Sabina perceberam a interação criativa da Vida e da Morte. Em suas obras acima mencionadas, ambos descreveram a Morte interagindo simbolicamente com a Vida como uma dualidade dentro da unidade na transformação psicológica. Jung deu ao último capítulo de *Símbolos de Transformação* o título *O Sacrifício*, onde propôs a inserção obrigatória da experiência simbólica da Morte no processo normal de transformação psíquica. De fato, para qualquer terapeuta, a experiência da morte simbólica das pessoas e do próprio Ego é a essência de muitas vivências importantes no caminho simbólico da transformação da personalidade. A este respeito, é significativo o fato de Asklepios, o deus grego da Medicina, ter sido retirado do ventre de sua mãe morta, o que ilustra, na dimensão mitológica, a interação existencial destrutiva e produtiva entre a vida, a morte, a doença e a cura. Esta vivência da Morte dentro da relatividade dialética do Arquétipo da Alteridade existe também em muitas obras literárias como, por exemplo, no oratório *As Estações* do poeta Gottfried van Swieten, musicado por Joseph Haydn em 1801, no qual é descrita a dialética metafórica da Vida e da Morte nas estações do ano.

*Vejam como o Inverno rigoroso  
Se retira para o polo distante.  
Seu chamado é seguido por um exército de tempestades  
Que uivam de forma assustadora.*

*Vejam como a neve flui pelas escarpas  
Em torrentes lamacentas.*

*Vejam como um vento morno do Sul  
Liberta suavemente o mensageiro da Primavera.*

*Venha, graciosa primavera!  
Venha, dádiva dos céus!  
Acorde a natureza  
Do seu sonho de Morte!*

Ao contrário de Freud, Jung manteve a polaridade dialética do Arquétipo da Alteridade em sua teoria dos opostos na maior parte de sua obra. Isto lhe permitiu compreender o significado simbólico arquetípico do incesto no casamento sagrado (*hieros gamos*) expresso no mito e na religião, bem como na Alquimia, que

considerava a igualdade dos opostos uma verdade básica. No entanto, isto o impediu de compreender por que a formação do Ego na infância necessita da proibição literal do incesto e do parricídio através da posição polarizada do Arquétipo Patriarcal.

### **O Arquétipo do *Coniunctio* e as Posições Ego–Outro**

As posições arquetípicas Ego-Outro e as etapas da vida são melhor compreendidas quando as estudamos à luz do **Arquétipo do *Coniunctio***, que rege a união e a separação do Ego com os polos das polaridades.

O processo de elaboração simbólica estrutura a Consciência em polaridades, que incluem a polaridade Ego-Outro. A seguir, a polaridade Ego-Outro entra em contato com novos símbolos, com os quais se funde na posição indiferenciada e recomeça, isto é, continua o processo de elaboração simbólica. Por conseguinte, este processo apresenta sempre fusão e separação do Ego-Outro e de todas as demais polaridades, como tão bem percebeu Jung, ao descrever em sua última grande obra, *Mysterium Coniunctionis*, o *coniunctio* na Alquimia como a união e separação dos opostos (Jung, 1955). A Psicologia Simbólica considera o Arquétipo do *Coniunctio* o coordenador da união e separação dos opostos na elaboração de todos os símbolos e funções estruturantes.

Nas identificações primárias, temos o ***Coniunctio Insular*** do Ego com figuras primárias (mãe, pai, avós, tios, irmãos, babá, etc.) em ilhas binárias de elaboração simbólica coordenada pelo Arquétipo Matriarcal. No Complexo Parental temos o ***Coniunctio Parental***, no qual o Ego se relaciona com o vínculo da união pai-mãe, mãe-tio, etc. na posição polarizada ternária em atitude predominantemente passiva, coordenada pelo Arquétipo Patriarcal.

Na adolescência, ativa-se o *Coniunctio Conjugal*, no qual o Ego se relaciona de forma quaternária dialética com os símbolos do amor, da vocação e do posicionamento religioso e sócio-político, em atitude predominantemente passiva, coordenada pelo Arquétipo da Alteridade. Isto porque, apesar de o adolescente

oscilar entre a onipotência e a impotência, os símbolos mais acontecem a ele do que ele os busca. O adolescente é muito mais passivo do que agente da posição dialética. Na adolescência, o *Coniunctio* Parental e o Arquétipo Patriarcal colidem com o *Coniunctio* Conjugal e o Arquétipo da Alteridade como duas formas importantes de viver e de elaborar símbolos. A grande diferença do *Coniunctio* Parental infantil é que os adolescentes começam a vivenciar o Complexo Parental de forma cada vez mais ativa preparando-se para o casamento e a paternidade.

A partir dos vinte anos, em nossa cultura, geralmente antes em outras culturas, o *Coniunctio* Insular e o *Coniunctio* Parental passam a ser exercidos de forma clara e predominantemente ativa e o *Coniunctio* Conjugal começa a se tornar cada vez mais ativo. Estrutura-se a identidade adulta, constitui-se a família e a vida profissional, nascem e crescem os filhos.

A partir dos quarenta anos, o *Coniunctio* Conjugal e o Arquétipo da Alteridade se tornam predominantemente ativos, intensificando a busca do encontro e sendo o Ego cada vez mais agente. Constela-se intensamente outra vez o Arquétipo da Alteridade e inicia-se uma nova grande crise de questionamento dos valores estabelecidos e de busca da identidade individual e profunda. Trata-se da crise do meio da vida, da segunda adolescência, da metanóia em direção à maturidade, que Jung descreveu como o Processo de Individuação. O *Coniunctio* Parental grandemente amadurecido nos permite até mesmo começar a ser pais de nossos pais. O Complexo Parental já havia começado a ser depurado de características díspares da identidade profunda pela vivência passiva da alteridade, na primeira adolescência. Desta vez, junto com a metanóia, que exacerba a identidade profunda por intermédio da alteridade ativa, depuram-se ainda mais as identificações parentais, que já estavam sendo exercidas de forma ativa na vida adulta. Surge, nessa fase, o início da vivência existencial da Morte junto com o *Coniunctio* Cósmico e a ativação crescente do Arquétipo da Totalidade, de forma inicialmente passiva e, posteriormente, cada vez mais ativa para aqueles que desenvolveram sua Consciência e integraram de maneira sempre relativa, mas satisfatória, estas várias etapas do desenvolvimento psicológico. O enfraquecimento do corpo físico e a aproximação da Morte são as vivências centrais do *Coniunctio* Cósmico

coordenadas pelo Arquétipo da Totalidade, que enseja o encontro unitário da Consciência com o todo universal através da posição contemplativa. Para entendê-lo melhor, necessitamos compreender a simbolização ampla do Arquétipo da Vida e da Morte como funções estruturantes que operam durante todo o processo de desenvolvimento psicológico.

### **O Arquétipo da Vida e da Morte como Função Estruturante Criativa e Defensiva**

Baseados nessas premissas, podemos agora considerar o Arquétipo da Vida e da Morte como a principal polaridade do Arquétipo Central e ver a Vida e a Morte como funções estruturantes criativas e defensivas do processo de desenvolvimento simbólico da Consciência. Para a Psicologia Simbólica e para a Psicologia Analítica, a Morte não é somente oposta à Vida como ocorre na posição polarizada e na Psicanálise. Como quaisquer outras polaridades percebidas na posição dialética, Morte e Vida se articulam criativamente quando interagem de forma complementar e adequada no processo de desenvolvimento como descrito na Psicologia Analítica. O equacionamento da Vida com a construtividade e da Morte com a destrutividade, característico da posição polarizada, quando generalizado para todo o processo existencial, leva à identificação pejorativa e altamente alienante da Morte com o ruim e o indesejável e da Vida com o bem e o desejável. Tanto a Vida quanto a Morte podem ser desejáveis ou indesejáveis, positivas ou negativas, criativas ou defensivas, quando a elaboração simbólica é levada avante na posição dialética. Quando coordenadas criativamente, Vida e Morte são necessárias, mesmo que dolorosas. Quando descoordenadas e inadequadas, ambas são prejudiciais, operem elas de forma dolorosa ou não.

Pelo fato de pertencer ao âmago do Arquétipo Central (ver gráfico no final), a expressão criativa do Arquétipo da Vida e da Morte tem a função estruturante de selecionar aquilo que deve ser mantido e intensificado ou descartado durante o processo. O que deve ser mantido pertence à Vida e sua elaboração precisa continuar. O que deve ser descartado pertence à Morte e não tem mais que ser elaborado, ao menos naquela etapa do processo. O polo Vida do Arquétipo é expresso pelas funções estruturantes do interesse, da curiosidade, do fascínio, da

busca, da dedicação, da conquista, do ganho e da euforia. O polo da Morte se expressa pelas funções estruturantes da indiferença, do desapego, do desinteresse, da perda, do sacrifício, do desânimo, da depressão e do luto. A **função estruturante do sacrifício** acompanha a função transcendente em cada elaboração simbólica porque o sacrifício sempre inclui a perda do já vivido, propiciada pela Morte, e o ganho do que se viverá a seguir, ofertado pela Vida.

Devido à sua função primordial no processo, o Arquétipo da Vida e da Morte está sempre presente na elaboração simbólica de todos os símbolos e funções estruturantes. A interação desta polaridade é tão profunda e intensa que o conhecimento e a compreensão de suas expressões normais e defensivas são possivelmente a maior de todas as pérolas da arte existencial.

### **Os Três Problemas Centrais na Elaboração do Arquétipo da Vida e da Morte**

Ao acompanharmos o desenrolar do potencial arquetípico do processo psicológico, não podemos concordar com Freud quando afirma que, no final, o processo psíquico tende para o repouso e, por isso, o vencedor é o Instinto de Morte (Freud, 1920, pg.85). Ao perceber cientificamente a natureza do *Coniunctio* Cósmico, vemos que a Psique, que veio da poeira, no final da etapa existencial se prepara para voltar à poeira. Vista simbolicamente, a poeira é matéria, Terra e Cosmos. Este parece ser o significado do *Revertere ad Locum Tuum* - retorna ao teu lugar - que lemos na entrada dos cemitérios católicos que creem na Vida Eterna. A Física moderna tem nos mostrado que os átomos do nosso corpo vieram das estrelas e não desaparecerão com a morte física. Eles continuarão sua existência nas nuvens, nas flores, no fundo dos pântanos e no espaço cósmico. Não sabemos ainda a forma de continuidade da vida psíquica. Mas, como argumentou Jung no filme *Face to Face* da BBC de Londres, a Psique continua a elaborar seus símbolos diante da Morte, como se a vida psíquica fosse continuar. É necessário resistirmos às tentações esotéricas que tudo explicam para aguardarmos a elucidação científica do processo de desenvolvimento após a morte física.

Necessitamos diferenciar três formas de expressão dos Instintos de Vida e de Morte ou do Arquétipo da Vida e da Morte para melhor compreendê-los. A primeira é compreendê-los como funções estruturantes dentro do dia-a-dia do processo existencial. Isto consiste no fascínio pelo novo e no desapego do que já morreu porque, no momento ao menos, não serve mais. Quando isto não for corretamente desempenhado, teremos as fixações formando a Sombra e suas defesas. A polaridade Vida e Morte está sempre presente na elaboração simbólica, seja esta criativa ou defensiva; cada fixação na Sombra a inclui de uma forma tipicamente distorcida. Cada fixação que ocorre durante o processo de elaboração simbólica afeta o Arquétipo da Vida e da Morte. No polo da Vida, observamos uma distorção na expressão da vida, na limitação de sua capacidade criativa e em suas expressões inadequadas. As fixações e defesas do polo da Morte expressam aspectos destrutivos tanto externamente, em direção ao Outro, isto é, em direção às pessoas e ao mundo através de defesas sádicas paranoides, dentre as quais a mais séria é o homicídio, ou internamente, em direção ao Ego, através de defesas masoquistas depressivas, cuja expressão defensiva mais grave é o suicídio psicótico.

A segunda grande problemática existencial do Arquétipo da Vida e da Morte é a elaboração do luto pelas perdas existenciais abruptas que ocorrem fora do *timing* do processo de elaboração. Trata-se da elaboração do Arquétipo da Vida e da Morte constelado de forma trágica e inesperada, por doenças ou acidentes que violentam o amadurecimento gradual do processo existencial. Nestes casos, quando a função estruturante do luto não puder ser devidamente elaborada, ocorre a formação de Sombra, fixações e defesas que podem ser muito difíceis de serem trabalhadas em análise. Com frequência, tenho usado a Imaginação Ativa e a dramatização para elaborar fixações do luto patológico com resultados muito produtivos. Recomendo este procedimento apenas com pacientes que se submetem a uma análise profunda, porque invocar uma pessoa amada morta para vir e participar da Imaginação Ativa é uma experiência dramática extraordinariamente mobilizadora. Este procedimento deve antes ser teoricamente exposto ao paciente e diferenciado do “espiritismo”, a “teoria” de Allan Kardec sobre a realidade depois da

Morte, e do relacionamento literalizado com os espíritos, o qual é muito difundido na América Latina.

A terceira forma de expressão é a compreensão do Arquétipo da Vida e da Morte durante o enfraquecimento até a desagregação do corpo físico. Esta fase, inerente ao *Coniunctio* Cósmico, na qual a polaridade Ego-Outro vivencia profundamente a totalidade cósmica, depende muito de quanta sabedoria foi desenvolvida nas elaborações das duas formas anteriores de expressão do Arquétipo da Vida e da Morte. Quanto mais alto for o patamar de diferenciação psíquica alcançado pela Consciência, mais apta será a pessoa para se preparar para o *Coniunctio* Cósmico, como é simbolicamente descrito no Bardo Thödol do *Livro Tibetano dos Mortos*.

### **O Arquétipo da Vida e da Morte e as Posições Ego–Outro**

Como todas as demais funções estruturantes, o Arquétipo da Vida e da Morte, ao ser constelado, necessita da interação adequada de suas polaridades e se expressa de maneira diferente em cada uma das posições arquetípicas da relação Ego-Outro. Já frisei que, embora estas posições se repitam em todas as elaborações simbólicas, elas têm funcionamento típico nas diferentes etapas da vida. Descreverei aqui, sumariamente, o Arquétipo da Vida e da Morte relacionado com as posições Ego-Outro de forma típica durante as seis principais etapas da vida.

Na posição insular, que predomina durante a primeira infância, a relação Ego-Outro é tão íntima e envolvente que a atitude do Ego é predominantemente passiva. Nesta posição a perda da mãe pode ferir de forma irreparável a identidade do Ego e precipitar a psicose depressiva (depressão anaclítica) e até mesmo a morte da criança, como descreveu Spitz (1963).

A elaboração do apego-desapego nesta fase é de difícil dosagem. Quando deve entrar a Morte e quando deve continuar a Vida na dependência infantil necessita um termômetro que somente a empatia, a sensibilidade, a intuição e a

mediunidade do dinamismo matriarcal sabem ler. Nesse sentido, sempre acompanhei maravilhado vivências e relatos de como os animais sabem dosar a relação entre a necessidade da Morte Simbólica do desapego e o aconchego da Vida. A mãe urso, por exemplo, no início permanece grudada com seus filhotes e nem por um instante sai da toca. Em certa época da vida maternal, porém, ela vivencia a Morte desse grande aconchego e sai da toca para passear, explorar o mundo e caçar, com seus ursinhos pulando atrás. Num momento posterior, deixa-os numa árvore e vai buscar alimento, reencontrando-os depois para levá-los de volta à toca. E finalmente chega o dia em que o Arquétipo da Vida e da Morte coordena a elaboração simbólica da separação. Nesse dia, a urso simplesmente deixa os filhotes já crescidos abrigados numa árvore e nunca mais volta para buscá-los. Morreu a dependência infantil para poder nascer a autossuficiência adulta.

Quando a infância não é devidamente sacrificada à Morte e a Vida não abraça as forças inovadoras, o Arquétipo da Vida e da Morte apresenta disfunção e fixação da elaboração simbólica com formação de defesas expressas na Sombra. O apego exagerado à Vida desequilibra a separação com a superproteção e o mimo, que dificultam o desenvolvimento da personalidade e a formação do caráter.

A ocorrência de uma fixação na função estruturante do Arquétipo da Vida e da Morte estagna o processo vital e gera um símbolo morto-vivo na Sombra. Isto será diferente em cada posição da Consciência, mas de um modo geral, a função estruturante da Vida, quando expressa pelo mimo, superproteção e estagnação, geralmente se torna defensiva. Quando a função estruturante da Vida se torna fixada, ela pode se expressar através de comportamento onipotente, incapaz de conter frustrações, defesas sedutora, maníaca, psicopática e megalomaniaca. Quando ignorada ou super-enfatizada, a função estruturante da Morte pode também se tornar fixada e defensiva, expressa pela autoagressão, masoquismo e depressão (defesa introjetiva) ou pela irascibilidade, defesas paranoides, sadismo ou agressão aberta, destrutividade e difícil convívio (defesa projetiva).

A principal limitação da elaboração simbólica conduzindo à expressão defensiva do Arquétipo da Vida e da Morte é a dificuldade da polaridade Ego-Outro



vivenciar a **frustração**. Essa função estruturante é da maior importância no processo de elaboração simbólica para a vivência do desapego e da transformação. As fixações do Arquétipo da Vida e da Morte afetam todo o processo de elaboração simbólica, inclusive da função estruturante narcisista-ecoísta que compromete seriamente as formas de relacionamento. A vivência criativa da função estruturante da polaridade Vida-Morte propicia o desenvolvimento, a diferenciação e o enriquecimento psíquico. A vivência defensiva da função estruturante da Vida e da Morte, pelo contrário, enseja a fixação, a estagnação, o apego exagerado, a simbiose defensiva ou autismo, a indiferenciação e empobrecimento, que frequentemente terminam em quadros psicopatológicos.

A Crise da Adolescência é dolorosa porque inclui a elaboração do Complexo Parental da morte da infância e do apego aos pais. A polarização com os costumes tradicionais e o apego aos modismos e inovações constituem um grande ritual de passagem que propicia a morte do velho e o culto do novo. Esta morte simbólica dos pais e o envolvimento erótico com pessoas semelhantes a eles, junto com uma forte agressividade contra os valores tradicionais, configuram os parricídio-matricídio-filicídio simbólicos incompatíveis com a infância, mas absolutamente necessários para a diferenciação da personalidade na Crise da Adolescência. É aqui que o conceito de incesto simbólico de Jung é fundamentalmente importante para se compreender o desenvolvimento psicológico além da puberdade. A redução do parricídio e do incesto à infância e sua proibição estrita impedem a compreensão da diferenciação da personalidade através do incesto, parricídio, matricídio e filicídio simbólicos na adolescência.

A turbulência hormonal e existencial coordenada pelo Arquétipo da Vida e da Morte durante a qual morre a infância e se descortina a vida adulta é o fenômeno central da Crise da Adolescência. Os parricídio-matricídio-incesto simbólicos são acompanhados pelo filicídio simbólico na experiência egoica da Morte, porque não só os pais, mas a criança também precisa morrer simbolicamente. Morrem os pais da infância e morre também a criança. A coordenação da elaboração do Complexo Parental pelo Arquétipo da Alteridade na adolescência permite o paradoxo de os pais e a criança serem mortos sem morrerem concretamente. Outra criança nascerá

na adolescência, que não será infantil, mas antes a fonte da inocência, do lúdico, da criatividade, da curiosidade, da entrega e da vitalidade durante o resto da vida. Esta nova criança, símbolo do Arquétipo da Criança não mais na infantilidade, mas na vida adulta, é comemorada com os batismos de renascimento espiritual nos rituais de iniciação como a Crisma, no Cristianismo e o Bar-Mitzvah no Judaísmo. Em muitas culturas, estes rituais envolvem símbolos que claramente expressam a morte da infância antes da iniciação na vida adulta. Nossos índios Karajás, por exemplo, pintam o adolescente de jenipapo. O jovem continua no meio da tribo, mas ninguém o vê nem lhe dirige a palavra, como se não existisse. Após limpar o jenipapo do corpo, celebram-se o renascimento e a inclusão do iniciado nos rituais adultos da tribo. Estes rituais de iniciação continuam em muitas religiões na segunda adolescência, na metanóia. Este fato mostra que há dois estágios bastante diferentes na experiência da Morte com relação ao Complexo Parental. Na Crise da Adolescência, o Complexo Parental vivencia a Morte na posição dialética passiva do Ego jovem. Na metanóia a morte do Complexo Parental é de novo experienciada, mas agora na posição dialética ativa. Os iniciados adultos recebem um novo nome, o nome iniciático da maturidade, que designará a identidade ontológica única do seu Processo de Individuação. Em todos estes rituais iniciáticos, poderá haver madrinha e/ou padrinho que expressam a maternidade e a paternidade simbólicas para designar a transcendência arquetípica dos símbolos do pai, da mãe, da criança e do adulto. Eles devem morrer simbolicamente para caracterizar o ritual de passagem para a etapa seguinte do desenvolvimento.

No nível arquetípico de dominância matriarcal na primeira infância e patriarcal na segunda infância também se registra a morte simbólica, posto que, como já assinali, o Ego da infância tende a viver a posição insular do dinamismo matriarcal e a posição polarizada do dinamismo patriarcal triangular na atitude passiva, e vivencia Morte e Vida na atitude predominantemente passiva. Na crise da metanóia, a paternidade e a maternidade morrerão ativamente, junto com a Morte do *Coniunctio* Conjugal e Familiar, na preparação para o *Coniunctio* Cósmico.

Esta duplicidade da imagem dos pais e dos filhos e a necessidade de sua morte na vida adulta, junto com a Consciência Individual e Coletiva da geração que

passou, foram expressas claramente por Jesus dentro da sua pregação coordenada pelo Arquétipo da Alteridade:

*“Não penseis que vim trazer a paz à Terra.  
Não vim trazer paz, mas espada.  
Pois vim trazer divisão entre o homem e seu pai;  
Entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra.  
Assim, os inimigos do homem serão os de sua própria casa.  
Quem ama seu pai e sua mãe mais do que a mim  
Não é digno de mim.  
Quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim  
Não é digno de mim.  
E quem não toma a sua cruz e vem atrás de mim  
Não é digno de mim.  
Quem acha a sua vida perdê-la-á  
Quem, todavia, perde a vida por minha causa, achá-la-á.”* (Mt 10:34-39)

No Evangelho de Tomé, da Biblioteca de Nag Hammadi, este tema é também explicitado:

*(Jesus disse:) “Quem não odiar seu pai e sua mãe como Eu faço, não pode ser meu discípulo. E quem (não) amar seu pai e sua mãe como eu faço não pode ser meu (discípulo). Porque minha mãe (me deu a falsidade) mas (minha) verdadeira (mãe) me deu a vida.”* (Bibl. Nag Hammadi, Tomé:101).

Desta maneira, a passagem para a vida adulta envolve o Arquétipo da Vida e da Morte numa grande transformação dos Arquétipos Regentes e das posições Ego-Outro correspondentes. A dominância dos Arquétipos Matriarcal (posição insular) e Patriarcal (posição polarizada) sofre grande transformação da infância para a adolescência, passando cada vez mais da atitude passiva para a atitude ativa que caracterizará fortemente a fase adulta da vida. O Arquétipo da Alteridade e a posição dialética, ativados fortemente na adolescência na atitude passiva, arrefecem na fase adulta devido à intensa ativação dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na atitude ativa durante a construção da própria família e da vida profissional. Na crise da metanóia e entre a fase adulta (20-40 anos) e madura da vida (40-60 anos), temos nova ativação do Arquétipo da Alteridade e da posição dialética, só que, desta vez, na atitude ativa. Em cada fase e a cada grande transformação arquetípica, ativa-se a polaridade Vida-Morte, posto que há sempre grandes perdas e lutos e muitos ganhos e crescimentos a comemorar.

Após os sessenta anos, inicia-se a velhice e intensifica-se sobremaneira o Arquétipo da Totalidade, com sua característica posição contemplativa em atitude cada vez mais ativa. Desde o início do processo, este arquétipo está presente numa atitude passiva e, após a metanóia, sua passagem para uma atitude ativa se dá de forma crescente. Na velhice (60-80 anos), arrefecem os dinamismos matriarcal e patriarcal, que recomeçam outra vez a se apresentar numa atitude relativamente passiva. É sabido que, na velhice, os pais são cada vez mais cuidados e orientados pelos filhos, ou pelo Estado. A intensa presença do Arquétipo da Alteridade na fase da maturidade começa a diminuir na velhice e a ceder lugar para a intensificação da posição contemplativa do Arquétipo da Totalidade numa atitude ativa.

A terceira grande problemática da elaboração simbólica do Arquétipo da Vida e da Morte se dá na preparação para a morte física. A diminuição progressiva da vitalidade física traz a exacerbação final do Arquétipo da Vida e da Morte para propiciar a passagem da dominância do *Coniunctio* Conjugal para o *Coniunctio* Cósmico, no qual a polaridade Ego-Outro se relaciona de modo bastante diferente. A posição contemplativa do Ego e do Outro na proximidade da Morte diminui seus limites e fronteiras devido ao desapego sacrificial de relacionamentos pessoais que acompanham esta experiência final. No momento em que renuncia a todas as pretensões sobre a Vida, o Ego e o Outro vivenciam uma verdade misteriosa que sublinha secretamente as suas diferenças existenciais. Esta verdade secreta revelada agora é sua igualdade. Subjacente a suas diferenças existenciais, o Ego e o Outro sempre foram iguais ao serem a expressão do Arquétipo Central e da Totalidade. É com esta nova Consciência de sua igualdade que o Ego e o Outro podem sacrificar o corpo físico no altar do *Coniunctio* Cósmico, onde o Outro é o Universo ou Deus. Através deste casamento sagrado, a Morte encerra este processo existencial e a Vida propicia a vivência de eternidade e a plena Consciência Cósmica daquela vida individual.

A diferenciação criativa da personalidade, durante tudo o que passou, propicia o exercício da posição contemplativa e do *Coniunctio* Cósmico nos últimos anos, mas não só neles. É da maior sabedoria e de grande importância sabermos

que a elaboração simbólica do Arquétipo da Vida e da Morte não somente pode iluminar a velhice, mas também auxilia pacientes terminais, pois a iminência da morte física, durante qualquer fase da vida e, até mesmo, na infância, pode apresentar a fenomenologia do *Coniunctio* Cósmico. A maturidade e a riqueza do Self Cultural são de fundamental importância para auxiliar na elaboração do Arquétipo da Vida e da Morte na iminência da perda do corpo físico e da reunião com o Cosmos, dentro dos símbolos estruturantes da eternidade e do infinito.

### **O Arquétipo da Vida e da Morte e a Tecnologia**

O desenvolvimento tecnológico crescente prolonga artificialmente cada vez mais a velhice e a doença terminal. Este prolongamento artificial da Vida não está sendo acompanhado devidamente por um maior aprendizado sobre a Morte e a arte de morrer. A Medicina parece ter esquecido que Asklepios foi fulminado pelo raio justiceiro de Zeus, quando ressuscitou Hipólito e desrespeitou o limite da Morte. O sofrimento de bilhões de moribundos clama por um desenvolvimento da sabedoria do médico, da família e da sociedade para desenvolver criativamente a função estruturante da humildade, de tal forma que se perceba quando a polaridade da Vida começa a ceder seu lugar para a da Morte no final da vida física. O primeiro mandamento de Hipócrates, "*primum, non nocere*" (acima de tudo, não fazer mal), necessita incluir também a atitude do médico diante da Morte. Como pode se orgulhar um médico de empregar o seu saber para manter vivo um rebotalho humano, cujo corpo físico implora e impõe a chegada da Morte? Se a diferença entre o remédio e o veneno é uma questão de dose, a tecnologia, atuando de maneira fixada e defensiva na polaridade Vida-Morte, pode se tornar um veneno, que é a Sombra do remédio. Nesse caso, o médico pode se tornar onipotente, pois com as melhores intenções, corre grande risco de se transformar num torturador e a família, por seu apego doentio à Vida, e a sociedade, por seu respeito convencional, mas ignorante, correm também o risco de se tornarem coniventes com o sadismo e a tortura. Será que o crime pela omissão face à Morte não é também um crime de omissão de socorro, assim como o é a omissão diante da Vida? Quando pode o médico desligar os aparelhos que mantêm um morto-vivo sofrendo? Quando deve o oncologista suspender a quimioterapia de um paciente irreversível? Apenas a

empatia médica, o amor desprendido da família e a compaixão da sociedade diante da Morte podem responder a estas questões.

### **A Construção do Momento da Morte Coordenada pelo Arquétipo da Alteridade**

Existem hoje quatro condições existenciais com respeito à expressão criativa ativa do Arquétipo da Morte que estão sendo reconhecidas e autorizadas em todo o mundo. A primeira é “DNR”, **não ressuscite** (“do not resuscitate”, em inglês), que a pessoa pode deixar como uma ordem escrita. A segunda é o desejo de manter a própria Vida em qualquer estágio ou de desligar os aparelhos que simplesmente adiam a Morte. A terceira é o suicídio assistido, na qual o médico fornece o meio para que o paciente termine sua Vida. A quarta é a **eutanásia ativa ou passiva**, na qual o médico ou interrompe a Vida do paciente (ativa) ou desliga os aparelhos que o mantém vivo (passiva). A “construção” criativa do momento da Morte pelo paciente, pela sociedade em que vive, por sua família e seu médico dentro do padrão quaternário do Arquétipo da Alteridade expresso através do suicídio assistido ou da eutanásia ativa ou passiva já é praticado na Holanda e no Estado de Oregon, nos Estados Unidos (Folha de São Paulo). Considero ser esta uma das maiores conquistas dos direitos civis e do humanismo moderno.

O problema é, sem dúvida, não só médico e científico, mas também, filosófico, religioso e, acima de tudo, humanista. Se a finalidade do humanismo moderno planetário é lutar cada vez mais pelos direitos humanos, por que ignorar a luta dos moribundos pelo direito de vivenciar a Morte com dignidade? Muitas religiões pregam a compaixão pelos fracos e oprimidos, e praticam até mesmo a Extrema-Unção mas, onde está a compaixão para que os moribundos participem ativamente de sua própria Morte? **Porque não dar a cada pessoa a ajuda técnica e psicológica para elaborar sua Morte junto com sua família e seu médico e participar do *Coniunctio* Cósmico ativa e criativamente?** Será que ainda teremos que ser torturados por muito mais tempo pela passividade diante da Morte até aprendermos a considerar a Eutanásia Médica e Leiga como conquistas inestimáveis da Medicina e dos direitos humanos? Por quanto tempo teremos que ser como o personagem José K., do *Processo* de Kafka e continuarmos “morrendo

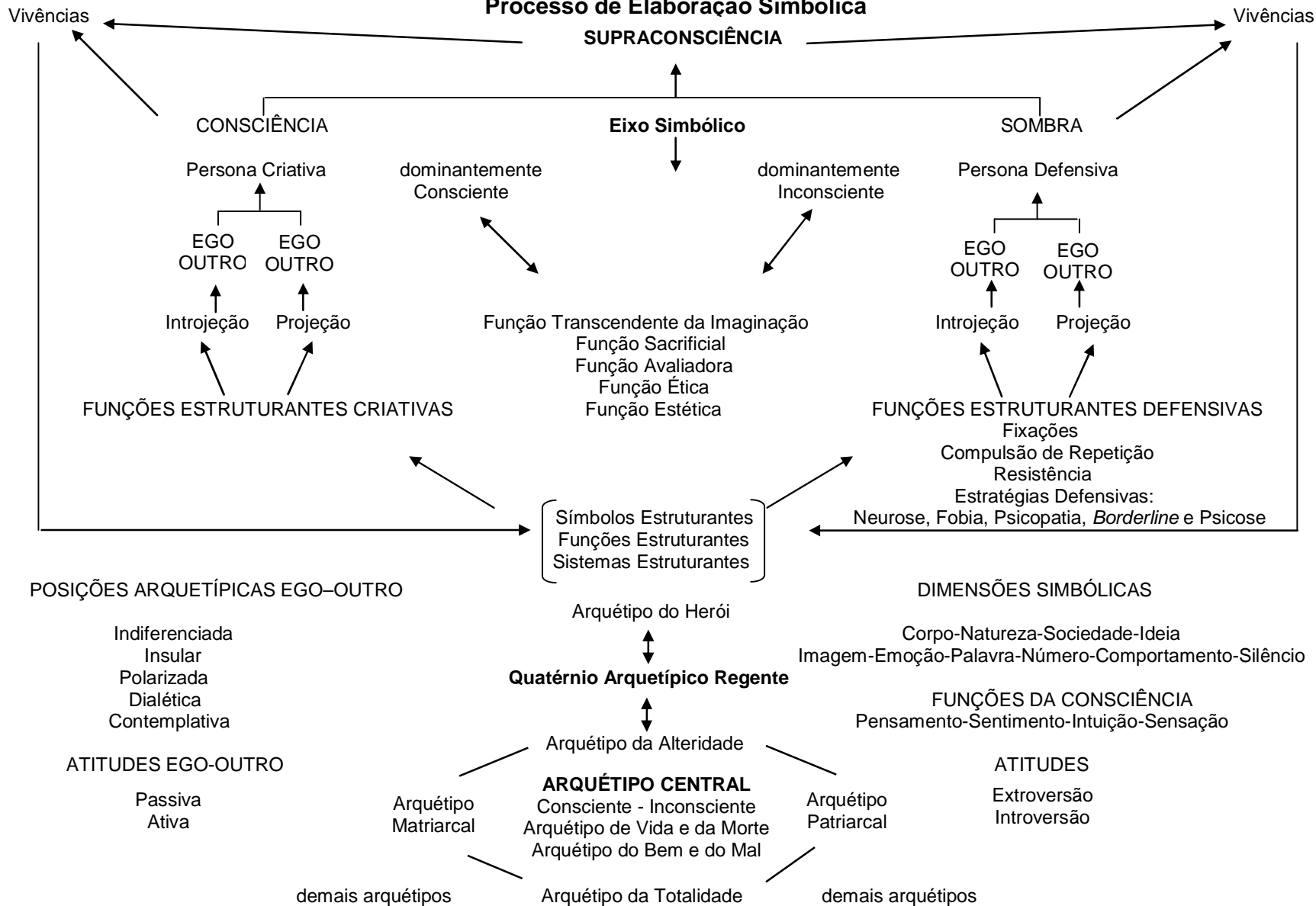
como cães”? Por que não dar ao moribundo o direito de comemorar o Ágape, a refeição sagrada do seu casamento místico com o Cosmos, assistido por seus médicos, quando ele e sua família assim o desejam?

A elaboração simbólica da tecnologia através da compreensão do Arquétipo da Vida e da Morte certamente favorecerá o avanço cultural para diminuir o preconceito em relação à adoção da posição dialética ativa da polaridade Ego-Outro diante do Arquétipo da Morte. Na iminência da morte física ela estimulará o exercício crescente da Eutanásia Médica e Leiga dentro da vivência do *Coniunctio* Cósmico.





**PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA**  
**ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF**  
**Processo de Elaboração Simbólica**





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNETT, L. (1948). *The Universe and Dr. Einstein*. Mentor Books, 1962.

BYINGTON, C. A. B. (1965). "A Autenticidade como Dualidade na Unidade". Tese de conclusão do curso de formação de analistas no C.G.Jung Institut, Zurich, 1965.

\_\_\_\_\_(1986a). A Identidade Pós-Patriarcal do Homem e da Mulher e o Quatérnio Estruturante da Consciência pelos Arquétipos da *Anima* e do *Animus*. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº 4, pgs. 5-70. São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_(1986b). *The Pathological Shadow of the Western Cultural Self*. Proceedings of the X International IAAP Congress, Berlin. Zurich: Ed. Daimon. 1987, pgs. 301-316.

\_\_\_\_\_(1987). Arquétipo e Patologia. Introdução à Psicopatologia Simbólica. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº 5, pgs. 79-126. São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_(1990). Polaridades, Reduccionismo e as Cinco Posições Arquetípicas da Consciência. Um Estudo Epistemológico pela Psicologia Simbólica. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº 8, pgs. 7-42. São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_(1991). Prefácio da tradução de *O Martelo das Feiticeiras (Malleus Malleficarum - 1484)*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1991, pgs. 19-41.

\_\_\_\_\_(1992). A Democracia e o Arquétipo da Alteridade. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº 10, pgs. 90-107. São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_(1996a). *Pedagogia Simbólica: A Construção Amorosa do Conhecimento de Ser*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos-Record, 1996.

\_\_\_\_\_(1996b). "A Perspectiva Simbólica do Espectro Obsessivo-Compulsivo" in *Desordens do Espectro Obsessivo Compulsivo*. Guanabara - Koogan, São Paulo, 1996, pgs. 29-50.

\_\_\_\_\_(1997). Ética e Psicologia. *Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, nº 15, pgs. 102-121. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_ (1998) “A Identidade Multi-Cultural da América Latina – Uma Introdução à Antropologia Simbólica”. I Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana. Punta del Este, Uruguay, 1998.

\_\_\_\_\_ (2000) “O Arquétipo da Alteridade e o Processo de Humanização da América Latina.” II Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana. Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_ (2001) A Função Criativa e Defensiva da Inveja. Uma Introdução ao Estudo das Funções Estruturantes pela Psicologia Simbólica. Em publicação. São Paulo, 2002.

DINNERSTEIN, D. (1949). The Mermaid and the Minotaur. New York: Harper Colophon Books, 1977.

FOLHA DE SÃO PAULO (2001). A Ética da Morte no Mundo. Revista Folha de São Paulo, São Paulo, Março, 11, 2001.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. Vol 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974, pgs. 13-198.

\_\_\_\_\_ (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. Vol.14. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_ (1920). Além do Princípio do Prazer. Vol 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ (1923). O Ego e o Id. Vol 19. Rio de Janeiro: Imago, 1965.

JACOBY, M. (1985). Individuation and Narcissism: The Psychology of the Self in Jung and Kohut, London and New York: Routledge, 1990.

JUNG, C. G. (1912). Symbols of Transformation. CW 5. London: Routledge & Kegan Paul, 1956, pars. 464-612.

\_\_\_\_\_ (1916). The Transcendent Function. CW 8. London: Routledge & Kegan Paul, 1960, pars. 131-193.

\_\_\_\_\_ (1921). Psychological Types. CW 6. London: Routledge & Kegan Paul, 1959, pars. 353-539. Definition: Ego

\_\_\_\_\_ (1941). The Psychological Aspects of the Kore. CW 9 Part I. London: Routledge & Kegan Paul, 1959, par. 350.

\_\_\_\_\_ (1944). Psychology and Alchemy. CW 12. London: Routledge & Kegan Paul, 1953, pars. 242-400.

\_\_\_\_\_ (1946a). The Structure of the Psyche. CW 8. London: Routledge & Kegan Paul, 1960, par. 366.

\_\_\_\_\_ (1946b). The Psychology of Transference. CW 16. London: Routledge & Kegan Paul, 1954, pars. 353-539.

\_\_\_\_\_ (1951). Aion. CW 9 Part II. London: Routledge & Kegan Paul, 1959, par. 40.

\_\_\_\_\_ (1952). Synchronicity. CW 8. London: Routledge & Kegan Paul, 1960, par. 816.

\_\_\_\_\_ (1955). Mysterium Coniunctionis. CW 14. London: Routledge & Kegan Paul, 1963, par. 45.

\_\_\_\_\_ (1958). Flying Saucers. CW 10. London: Routledge & Kegan Paul, 1964, par. 778.

KOHUT, H. (1977). The Restoration of the Self, New York: International Univ. Press, 1977.

MONTELLANO, R.M.P. (1996). Narcisismo: Considerações Atuais. Junguiana, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n.º 14, pgs. 86-91. São Paulo, 1996.

Nag Hammadi Library. San Francisco: Harper & Row, 1978.

NEUMANN, E. (1949). The Origins and History of Consciousness. New York: Pantheon Books Inc., 1954.

\_\_\_\_\_ (1950) The Moon and Matriarchal Consciousness. Eranos vol. XVII, Zurich, 1950.

\_\_\_\_\_ (1955) The Child. New York: G. P. Putnam's Sons, 1973.

\_\_\_\_\_ (1956) Freud and The Father Image in Creative Man, Princeton: Bollingen Series 61-2, 1979, pgs. 232-245.

PERRY, J. W. (1966). Lord of the Four Quarters. New York: Braziller, 1966.

SAIZ LAUREIRO, M. E. (1989). "Carlos Byington E La Comunità Delle Genti" in *Psicologia Analitica Contemporanea*, Milano: Bonpiani, 1989, pgs. 53-118.

SECHEHAYE, M. A. (1947). *Symbolic Realization Diary of a Schizophrenic Woman*. New York: International University Press, 1951.

SPIELREIN, S. (1912). *Die Destruction Als Ursache des Werdens*. *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*, IV Band, 1912.

SPITZ, R. (1963). *The First Year of Life*. New York: Int. Univ. Press, 1963, pgs. 267-292.

TEILHARD DE CHARDIN, P. (1947). *Le Phénomène Humain*. Paris: Ed. du Seuil, 1955.